

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

DOUGLAS DOS SANTOS MURARI

**O MARTÍRIO NA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA: CONSIDERAÇÕES
SOBRINIANAS SOBRE O MARTÍRIO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE OSCAR
ROMERO**

CAMPINAS

2023

DOUGLAS DOS SANTOS MURARI

**O MARTÍRIO NA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA: CONSIDERAÇÕES
SOBRINIANAS SOBRE O MARTÍRIO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE OSCAR
ROMERO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

261.1098 Murari, Douglas dos Santos
M972m

O martírio na perspectiva latino-americana: considerações sobrinianas sobre o martírio a partir da experiência de Oscar Romero / Douglas dos Santos Murari. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

66 f.

Orientador: Ceci Maria Costa Baptista Mariani.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Igreja e problemas sociais - América Latina. 2. Mártires. 3. Romero, Oscar A. (Oscar Arnulfo), 1917-1980. I. Mariani, Ceci Maria Costa Baptista. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título.

23. ed. CDD 261.1098

DOUGLAS DOS SANTOS MURARI

**O MARTÍRIO NA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA: CONSIDERAÇÕES
SOBRINIANAS SOBRE O MARTÍRIO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE OSCAR
ROMERO**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Monografia julgada e aprovada pelo docente responsável:

Profa. Dra. Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Campinas, 21 de junho de 2023.

A Deus, por ter me dado o dom da vida;
aos meus pais e ao meu irmão, por
estarem sempre comigo, me formarem e
incentivarem minha vocação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de amor e misericórdia, por ter me dado o dom da vida, a graça e o auxílio necessários para chegar até aqui. Não posso esquecer de Maria, Senhora Imaculada, fiel e incomparável intercessora, pois sei que, embora não seja merecedor, ela cuida, zela e roga por mim a Deus, em minhas dificuldades e aflições.

Manifesto minha eterna gratidão aos meus pais José Paulo Murari e Rosemary Aparecida dos Santos Murari, e ao meu irmão Diego Rafael Murari, sinais do amor de Deus em minha vida. E, na pessoa deles, estendo meus agradecimentos a todos meus familiares.

Minha gratidão à Arquidiocese de Campinas, por todo auxílio no meu desenvolvimento humano integral. Agradeço a todos bispos e presbíteros que passaram em minha vida. Manifesto dileto carinho e gratidão aos presbíteros que enriqueceram minha formação de forma mais direta: Padre Victor de Almeida Filho, Padre Antônio Douglas de Moraes, Padre Jonas Barbosa da Silva e Padre Tarcísio Pereira Machado. Na pessoa deles, manifesta meus agradecimentos a todo clero de Campinas.

Gratidão a todos meus irmãos de caminhada, seminaristas das diversas etapas formativas, que partilham comigo o sonho de servir ao povo de Deus e viver o amor no ministério ordenado. De forma especial, destaco meus irmãos Charles, João Bento e Denilson.

Sou grato a Deus pela minha turma da teologia: Douglas Felipe, Jefferson, Lucas, Leonardo, Helton e Getúlio. Que Deus possa sempre nos abençoar e que, em um futuro breve, possamos partilhar, além da amizade, o dom do serviço ministerial.

A todo povo de Deus, em especial das paróquias: Sagrado Coração de Jesus (Sumaré), Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Campinas), Nossa Senhora da Conceição – Catedral (Campinas), São Sebastião (Valinhos) e Sant'Ana (Vinhedo).

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na pessoa do magnífico reitor, Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior, a todos professores, alunos e funcionários que me auxiliaram de forma direta e indireta em minha jornada acadêmica.

Por fim, agradeço imensamente à Prof^a. Dr^a. Ceci Maria Costa Baptista Mariani por todo auxílio e suporte acadêmico para a redação deste trabalho monográfico.

Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto (Jo 12, 24).

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito apresentar a compreensão da temática do martírio, em especial na perspectiva latino-americana. Para isso, utilizar-se-á o martírio de Dom Oscar Romero, cuja morte foi paradigmática para a percepção da experiência martirial latino-americana, o que ocasionou no desenvolvimento e aprofundamento de tal realidade teológica. Em um segundo momento, será proposto um aprofundamento na compreensão do martírio na perspectiva das Sagradas Escrituras, Tradição e no aspecto da teologia contemporânea. Por fim, apresentar-se-á as considerações de Jon Sobrino, padre jesuíta que viveu contemporaneamente ao bispo salvadorenho, referente à compreensão do martírio.

Palavras-chave: Martírio; Dom Oscar Romero; Jon Sobrino; Povo Crucificado; Mártires Jesuânico; Teologia latino-americana.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo presentar la comprensión del tema del martirio, especialmente desde la perspectiva latinoamericana. Para ello, se utilizará el martirio de Dom Oscar Romero, cuya muerte fue paradigmática para la percepción de la experiencia martirial latinoamericana, lo que condujo al desarrollo y profundización de dicha realidad teológica. En un segundo momento, se propondrá profundizar en la comprensión del martirio desde la perspectiva de las Sagradas Escrituras, la Tradición y el aspecto de la teología contemporánea. Por último, se presentarán las consideraciones de Jon Sobrino, sacerdote jesuita que vivió contemporáneamente al obispo salvadoreño, en relación a la comprensión del martirio.

Palabras llave: Martirio; Don Óscar Romero; Jon Sobrino; Pueblo Crucificado; Mártires Jesuánicos; teología latinoamericana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A VOZ QUE CLAMA EM EL SALVADOR	14
INTODUÇÃO	14
1. A TERRA RUBRA DE EL SALVADOR	14
2. DA POBREZA AO EPISCOPADO	17
2.1 FORMAÇÃO INICIAL E O PRESBITERATO	18
2.2 BISPADO AUXILIAR E A DIOCESE DE SANTIAGO DE MARÍA.....	20
3. DA PROFECIA AO MARTÍRIO	21
3.1 A MORTE DO PADRE RUTILIO GRANDE.....	22
3.2 A “CONVERSÃO” DE ROMERO E SUAS PROFECIAS	24
3.3 OS ÚLTIMOS MOMENTOS.....	29
CONCLUSÃO	34
CAPÍTULO II: O MARTÍRIO NA HISTÓRIA	35
INTODUÇÃO	35
1. MARTÍRIO NA SAGRADA ESCRITURA.....	35
1.1 MARTÍRIO NO ANTIGO TESTAMENTO	36
1.2 MARTÍRIO NO NOVO TESTAMENTO	37
2. MARTÍRIO DE POLICARPO DE ESMIRNA.....	39
3. MARTÍRIO NA TEOLOGIA	40
3.1 KARL RHANER	41
3.2 LEONARDO BOFF	42
3.3 ELSA TAMEZ	44
3.4 JOSÉ IGNACIO GONZÁLES FAUS	46
CONCLUSÃO	48
CAPÍTULO III: JON SOBRINO, TESTEMUNHA DAS TESTEMUNHAS	50
INTODUÇÃO	50
1. EXPERIÊNCIA E REALIDADE DE JON SOBRINO	51
2. SEGUIMENTO DE CRISTO.....	52
3. MARTÍRIO ENQUANTO ULTIMIDADE DO SEGUIMENTO	55
3.1 MÁRTIRES JESUÂNICOS E O POVO CRUCIFICADO.....	57
4. ROMERO: SEGUIDOR, PROFETA E MÁRTIR	58
CONCLUSÃO	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a América Latina foi marcada por diversas mazelas, dentre elas a morte, a injustiça e o desrespeito à vida. Na história latino-americana, a opressão realizada por sistemas totalitários aos menores é algo gritante. Dentro desse contexto está a temática do martírio. Luís Correia Lima (2022), teólogo-pesquisador da PUC-Rio, apresenta em seu artigo que a violência opressora sofrida pelos cristãos na América Latina não é apenas uma problemática sociológica ou política, mas, acima de tudo, uma problemática teológica. Isso é constatado graças ao dado da fé e suas implicações eclesiais.

Quando é apresentada a temática do martírio na América Latina, necessariamente surge a figura de Dom Oscar Arnulfo Romero, bispo salvadorenho que sofreu o martírio em 24 de março de 1980. Romero foi um sinal de esperança e profetismo no meio do povo salvadorenho e para toda América Latina. Sua memória é lembrada até os dias de hoje tanto pelos que sofrem com as repressões do cotidiano quanto no ambiente acadêmico. Há diversas publicações sobre sua vida e martírio, inclusive análises teológicas de suas palavras e passos.

Jon Sobrino, teólogo espanhol que vive desde 1957 em San Salvador, é um dos grandes expoentes na pesquisa teológica libertadora. Ele possui livros que discorrem a respeito das implicações teológicas por trás do martírio do bispo salvadorenho. É digno de nota que Sobrino busca seu aporte teórico em Ignácio Ellacuría, teólogo espanhol contemporâneo a ele, e suas perspectivas libertadoras.

É possível analisar que o *status quaestionis* sobre a temática do martírio, em especial no contexto da América Latina, está em desenvolvimento. Todavia, é fato que as grandes obras de referência são clássicas do século passado, ou seja, próximo ao evento do martírio de Dom Oscar Romero (década de 80). Isso demonstra que, embora o desenvolvimento da temática esteja ativo, é crucial o aprofundamento e divulgação da relevância da área para manter o debate e a memória de todos mártires, conhecidos e anônimos, viva. Talvez o problema apresentado anteriormente seja pelo fato de que as ocorrências analisadas pela pesquisa heurística revelam algo que está engendrado no cotidiano do povo latino-americano (e do mundo) até os dias de hoje.

Em 25 de setembro de 2019, em audiência geral, o Papa Francisco recordou o mistério do martírio da seguinte forma:

Hoje há mais mártires do que nos primórdios da vida da Igreja, e os mártires estão em toda a parte. A Igreja de hoje é rica de mártires, é irrigada pelo seu sangue, que é “semente de novos cristãos” (Tertuliano, *Apologeticum*, 50, 13) e assegura crescimento e fecundidade ao Povo de Deus. Os mártires não são “santinhos”, mas homens e mulheres de carne e osso que — como diz o Apocalipse — “lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro” (Ap 7, 14). Eles são os verdadeiros vencedores! (FRANCISCO, 2022)

É mister observar a atualidade da temática no campo teológico, haja vista a grande demanda de ocorrências de martírios nos últimos anos, motivadas principalmente pela intolerância religiosa, a revolta contra o anúncio do Evangelho e o ódio à fé cristã que está se propagando expressivamente¹ É urgente o aprofundamento de tal temática, até mesmo como uma forma de auxiliar, teologicamente e pastoralmente, a Igreja, enquanto povo de Deus, na reflexão e compreensão destes sinais dos tempos.

Portanto, em um período que muitos sofrem com as mazelas martiriais, é válido propor uma reflexão sobre a temática do martírio e suas implicações eclesiológicas e pastorais. Busca-se assim, compreender a mística do testemunho que nutre a fé daqueles que ficam e impulsiona as comunidades a caminhar na estrada de Jesus. Vale lembrar que o recorte foi realizado na perspectiva latino-americana, de forma que seja abordado a realidade do povo que já sofreu por tantos anos e continua sofrendo pelas diversas opressões idolátricas do século XXI, como por exemplo a luta desenfreada pelo poder que emergem dos conflitos políticos hodiernos.

Dom Oscar Romero foi um ícone da luta pela justiça e paz e por conta de sua postura fundamentada no Evangelho foi morto. Certa vez ele disse: “Se me matarem eu ressuscitarei na vida do meu povo” (SOBRINO, 2022). Isso apresenta o ápice da Teologia do Martírio latino-americana. Sua mensagem e presença de esperança continua até os dias de hoje no coração de seu povo e é possível compreender esse povo enquanto “todos os homens de boa vontade” (GS, n.22) que buscam viver e promover a justiça, a paz e a dignidade humana, elementos axiais do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

¹ Jon Sobrino em seu livro *Espiritualidade da Libertação* enumera mais de 30 vítimas da intolerância e perseguição religiosa no intervalo de 1980 e 1983. São eles, clérigos, religiosos, religiosas, leigos e leigas. Entre eles aparece o nome do arcebispo salvadorenho, Oscar Arnulfo Romero (Cf. SOBRINO, 1992, p.106).

Vale ressaltar que a visão martirial de Dom Oscar Romero não engloba apenas sua reação político-social frente à desigualdade. Acima desse exemplo há a vivência intrínseca da fé em Cristo, que leva a pessoa a sair de si e ir ao encontro do outro. Em sua canonização, o Papa Francisco lembra da necessidade de modelos como Dom Oscar Romero que “deixou as seguranças do mundo, incluindo a própria incolumidade, para consumir a vida – como pede o Evangelho – junto dos pobres e do seu povo, com o coração fascinado por Jesus e pelos irmãos” (2022b).

O primeiro capítulo do trabalho permeia a vida, martírio e herança de fé deixada por Dom Oscar Romero e para isso foi utilizado como fonte primária a coleção *Su pensamientos* e *Su diario*, uma compilação de todos os discursos realizados pelo bispo salvadorenho bem como a transposição escrita de seu diário gravado em fita, organizadas pela própria arquidiocese de San Salvador. Para análise de sua vida, foram utilizados comentadores que buscam investigar a vida de Dom Oscar Romero, tais como: Leonardo Boff, James Brockman, Scott Wright e Jon Sobrino.

O segundo capítulo busca compreender a noção de martírio nas dimensões bíblicas, eclesiais, morais e sua relação com a contemporaneidade. Para isso, foram utilizados teólogos que abordam tal temática como Leonardo Boff, Karl Rahner, Ela Tamez e José Gonzales Faus.

Por fim, no terceiro capítulo será exposta a teologia de Jon Sobrino e sua perspectiva do povo latino-americano enquanto povo crucificado (categoria *ellacuriana*) que realiza a vontade do Pai na vivência do cotidiano e testemunha a Boa Nova até o limite com suas próprias vidas. Vê-se assim que a ideia sobriniana de martírio perpassa a perspectiva indutiva do Cristo no cotidiano que denuncia toda estrutura que não promove a dignidade humana, justiça e a paz.

CAPÍTULO I: A VOZ QUE CLAMA EM EL SALVADOR

INTRODUÇÃO

Scott Wright, coordenador do *Ecumenical Program on Central America and the Caribbean*, estudioso da vida de Dom Oscar Romero diz: “Vivemos em uma época de santos e mártires. O século vinte criou mais vítimas de guerra e terror, mas também mais santos e mártires do que qualquer outro século” (WRIGHT, 2011, p.12). Este capítulo tem como intuito apresentar os passos de Oscar Arnulfo Romero y Galdamez, bispo salvadorenho que foi morto em 1980 em meio à celebração da missa, de forma que demonstre a seriedade que levou a proposta da vivência evangélica e seguimento de Cristo até as últimas consequências.

O capítulo está dividido em três partes: primeiramente será apresentado brevemente um histórico da realidade salvadorenha, demonstrando a situação conturbada que percorre as terras de El Salvador. Em um segundo momento discorre-se sobre a infância de Oscar Romero até ele se tornar bispo titular da diocese de Santiago de María. Na terceira parte apresenta-se seu episcopado em San Salvador, culminando em sua morte.

As obras utilizadas no capítulo giram em torno da biografia do autor supracitado, trechos de homilias compreendidas como importantes para a compreensão da posição de Romero frente à realidade (retirados da coleção da Diocese de San Salvador *Su pensamientos*) e uma obra compilada de vários autores que recolheram relatos sobre a situação de El Salvador durante e depois dos fatos ocorridos com Oscar Romero.

1. A TERRA RUBRA DE EL SALVADOR

A região de El Salvador, antes da colonização espanhola, recebia o nome de *Cuscatlán*, que na língua dos índios *Nahuatl*, originários do local, significa Joia à Beira-Mar. Após a chegada dos espanhóis, em 1522, a terra foi rebatizada de El Salvador (Cf. V.V.A.A, 1994, p.15). Com a violência que irrompeu nas terras

salvadorenhas é possível constatar que a joia acabou se tornando um diamante de sangue².

Nota-se que o grande problema da presença da injustiça em El Salvador se dá pela desigualdade na distribuição das terras, ou seja, nos primórdios da colonização “a maior parte das terras de El Salvador pertenciam à comunidade [nativa] e eram exploradas por esta. Sob esse sistema [...] a maioria das pessoas eram autossuficientes” (V.V.A.A, 1994, p.15). Na década de 1880, a oligarquia salvadorenha, por meio de leis, desapropriou as terras dos nativos, para plantação de cana-de-açúcar, café e algodão. Isso ocasionou os primeiros conflitos e, por consequência, as primeiras chacinas (Cf. V.V.A.A, 1994, p.16).

Cerca de 50 anos depois da apropriação indevida, Farabundo Martí, um camponês que sempre esteve envolvido com causa social, liderou um movimento revolucionário contra o poder ditatorial do general Maximiliano Hernández Martínez (Cf. WRIGHT, 2011, p.22). o que acabou ocasionando a morte de 30 mil pessoas. Tal evento foi intitulado *La Matanza* (Cf. V.V.A.A, 1994, p.16).

Nos anos subsequentes, a realidade salvadorenha não mudou muito, sendo sempre marcada pela pobreza, injustiça e morte, assim como em diversas outras localidades nos quais os pobres são deixados à margem da sociedade como por exemplo a própria América Latina, a África e Ásia (Cf. WRIGHT, 2011, p.22). Nessas realidades vê-se que a morte se torna o ápice da vivência da pobreza. Pessoas acabam encontrando com tal mal irremediável por meio de duas formas: lentamente e violentamente. Ou acabam morrendo pela falta de condições mínimas de sobrevivência, ou pela opressão violenta que ceifa vidas de forma desumana. Em ambas as formas, os valores que promovem a dignidade da pessoa humana são esquecidos, ou até mesmo ignorados.

Diante de tal contexto, na esfera eclesial latino-americana se começou a refletir sobre a questão da justiça social e o direito dos mais necessitados, seja por meio do Concílio Vaticano II ou pela Conferência do CELAM em Medellín, como é possível analisar a seguir.

Depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência dos Bispos Latino-americanos em Medellín, na Colômbia, a justiça social

² Joias retiradas em zonas de conflito e guerras, oriundas do trabalho exploratório e da violência. Comumente referidas às joias encontradas e comercializadas oriundas da região africana.

tornou-se uma preocupação dominante para a Igreja Católica. Essa “opção preferencial pelos pobres” rompeu a antiga aliança entre a Igreja e a oligarquia. A Igreja criou novas abordagens à evangelização e ao trabalho pastoral. Em áreas como a região destinada ao plantio de cana-de-açúcar, ao redor de Aguilares, os padres convidaram os camponeses – os empregados das fazendas e os diaristas – a ler e discutir, em pequenos grupos, a Escritura. As pessoas ouviam a mensagem bíblica de justiça e libertação e aplicavam às suas vidas (V.V.A.A, 1994, p.16).

Dessa forma, na década de 70 surgiram diversos movimentos populares em resposta ao domínio ditatorial salvadorenho, o que ocasionou em mais perseguição e violência, e, conseqüentemente, mais mortes. Em 1977, o Padre Rutílio Grande, pároco de Aguilares, é morto como resposta do poder militar (Cf. V.V.A.A, 1994, p.16).

No mesmo ano que Dom Romero foi assassinado, cerca de 12 mil pessoas foram vítimas da violência ditatorial. No ano seguinte, o conflito ganhou proporções maiores com a FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), uma espécie de milícia popular responsável por combater o governo ditatorial. Esse, por sua vez, respondeu com as forças armadas e auxílio do treinamento estadunidense, ocasionando em massacres em larga escala. Novamente os pobres foram os que mais sofreram com tal impacto violento. Durante esse período o conflito foi responsável por cerca de 75 mil mortos, 7 mil desaparecidos e mais de um milhão de pessoas desalojadas (Cf. WRIGHT, 2011, p.23).

Scott Wright aponta que com a efervescência da violência em El Salvador a Igreja se tornou alvo das miras ditatoriais, principalmente após o ocorrido com Oscar Romero:

O assassinato de Romero em 1980 chamou a atenção para outro fenômeno do conflito: a perseguição à Igreja. Nove meses depois do assassinato de Romero, a Guarda Nacional Salvadorenha matou três religiosas norte-americanas e uma leiga. Entre 1977 e 1989, uma dúzia e meia de padres foram mortos, entre eles seis jesuítas assassinados junto com a sua governanta e a filha desta em 16 de novembro de 1989 (WRIGHT, 2011, p.25).

Constata-se que violência se fez presente na vida do povo, e a Igreja, por sua vez, fazendo-se presença, sofreu do mesmo mal, junto daqueles confiados a ela. Padres, religiosos, religiosas e leigos derramaram seu sangue em solo salvadorenho. Verifica-se, ainda, que os algozes “havia sido treinados na *School of the Americas*,

em *Fort Benning*, na Geórgia” (WRIGHT, 2011, p.25), ou seja, o treinamento dos grupos militares ocorreu em solo estadunidense.

Desde 1981, os Estados Unidos colocaram mais de quatro bilhões de dólares na guerra contra a insurreição em El Salvador. Especialistas norte-americanos, treinaram as forças armadas salvadorenhas, e a Embaixada dos Estados Unidos em San Salvador dirige em grande parte o curso de guerra (V.V.A.A, 1994, p.18).

Em janeiro de 1992, os clarões da paz começam a brilhar sobre El Salvador. Com o auxílio da ONU (Organização das Nações Unidas), o governo salvadorenho e os rebeldes do grupo FMLN assinaram o acordo de paz, findando, portanto, a guerra. Os responsáveis dos crimes cometidos foram afastados do corpo militar (embora tenham sido anistiados pelo governo) e a FMLN, “desmobilizada e desarmada”, convertida em um partido político (Cf. WRIGHT, 2011, p.26).

Embora pareça que a realidade melhorou, constata-se que os pobres continuaram pobres e a “violência da guerra e dos assassinatos dos esquadrões da morte deu lugar a uma violência criminal e atividades de gangues mais sutis” (WRIGHT, 2011, p.26). Ou seja, a violência apenas mudou a máscara que se apresenta aos pobres. Todavia, embora haja muitas razões de tristeza, é possível verificar que o povo salvadorenho não perdeu a esperança. Continuam com a cabeça em pé, caminhando e lutando todos os dias, em busca de uma realidade melhor e mais humana. Tal sentimento de esperança possui fundamento no testemunho dos mártires, entre eles os clérigos, as religiosas e religiosos, leigos e leigas, mas principalmente por conta do testemunho de pastoreio, profetismo e martírio de Dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador.

2. DA POBREZA AO EPISCOPADO

Oscar Arnulfo Romero y Galdamez nasceu em 15 de agosto de 1917 em Ciudad Barrios, localizada no departamento de San Miguel a poucos quilômetros da fronteira com Honduras, em uma família simples que vivia em situação de pobreza e austeridade (Cf. WRIGHT, 2011, p.28). O nome da cidade se dá em homenagem a ex-presidente salvadorenho Gerardo Barrios, figura política com um histórico conturbado (Cf. WRIGHT, 2011, p.28).

O pequeno Oscar foi o segundo de 8 filhos, sendo 6 meninos e 2 meninas³. Seus pais, Santos Romero e Guadalupe de Jesús Galdámez, foram simples trabalhadores que zelaram pela formação religiosa de seus filhos. Os relatos apontam que foi uma “criança séria, estudiosa e piedosa” (WRIGHT, 2011, p.30) e que, embora tivesse o ofício de carpinteiro que seu pai havia conseguido, seu real desejo era ir para o seminário. Algo que manifestou ao bispo da diocese quando este visitou Ciudad Barrios (Cf. WRIGHT, 2011, p.31).

2.1 FORMAÇÃO INICIAL E O PRESBITERATO

Em 1930, Romero ingressa no seminário de San Miguel, sob a administração dos claretianos. Um tempo depois, teve que interromper os estudos para auxiliar em casa, visto que sua mãe havia ficado doente, retornando ao seminário 3 meses depois. Aos vinte anos de idade, Romero se dirige para o seminário nacional de San Salvador, dirigido pelos jesuítas (Cf. WRIGHT, 2011, p.33).

Pouco tempo depois foi direcionado a Roma para estudar na Universidade Gregoriana de Roma para concluir seus estudos (Cf. WRIGHT, 2011, p.35). Finalizou sua formação inicial em 1941, recebendo o grau de licenciatura em teologia *cum laude*, e sendo ordenado presbítero em 04 de abril de 1942 em Roma. Continuou seus estudos na área teológica, em especial teologia ascética e a perfeição cristã segundo Luis de la Puente, retornando para El Salvador em agosto de 1943 (Cf. WRIGHT, 2011, p.39).

Em 11 de janeiro de 1944 o Padre Oscar Romero celebra a primeira missa solene na cidade natal, Ciudad Barrios. Foi designado para pastorear em uma paróquia na região montanhosa de Anamoros, próximo a La Union, missão que exerceu por um curto período de tempo, visto que foi requisitado seu auxílio no cargo de secretário diocesano do bispado de San Miguel, momento em que se tornou pároco da catedral da diocese (Cf. WRIGHT, 2011, p.41).

Ele sempre demonstrou o interesse e importância que dava pelo desenvolvimento da vida espiritual, “a prece e a meditação faziam parte da rotina cotidiana de Romero, e todas as noites ele organizava uma hora santa antes da Santa Comunhão, rezando o rosário com as pessoas e pregando” (WRIGHT, 2011, p.42).

³ Eram os irmãos: Gustavo, Oscar, Zaida, Aminta, Rômulo, Mamerto, Arnoldo e Gaspar.

Destaca-se que Romero sempre buscou viver sua proximidade com todos, de forma que pudesse exercer seu ministério de forma plena, assim como é dito a seguir:

Padre Romero era amigo tanto dos ricos quanto dos pobres. O seu interesse pelos pobres era genuíno, interesse que pode ser remontado à sua experiência pessoal de privações e pobreza na sua infância e adolescência. Assim como ele era conhecido pela sua devoção, também era pela sua caridade [...] (WRIGHT, 2011, p.43).

Todavia, Romero recebeu críticas por tais iniciativas. Elas eram apontadas como meios que o clérigo conseguiu para “evitar os problemas subjacentes da justiça e opressão” (WRIGHT, 2011, p.44). Os críticos viam como uma instrumentalização da ação caritativa na qual os pobres eram auxiliados e aliviados de suas preocupações, e os ricos aliviavam suas consciências de ação cristã (Cf. WRICHT, 2011, p.44).

O período em que Oscar Romero viveu foi marcado por diversas mudanças sociais, pode-se referenciar tais mudanças a suas atitudes e visão eclesial. Verifica-se o aumento populacional salvadorenho, o que levou ao crescimento da divisão entre os ricos e pobres. Esses passaram a tomar consciência de sua realidade graças a movimentos partidários de esquerda, movimentos acadêmicos que buscavam a promoção da educação do povo (por exemplo a fundação da Universidade Centro-americana em 1950 pelos jesuítas) e o fortalecimento de movimentos eclesiais como as Comunidades Eclesiais de Base e inspirações da Ação Católica. Por conta disso, aumentaram as repressões e embates dos militares contra a população (Cf. WRIGHT, 2011, p.49-50).

Romero foi amado por uns e rejeitado por outros. Aqueles que o rejeitavam, acusavam-no de possuir “atitudes intransigentes e costumes tradicionais” criando um certo desconforto no clero. Isso acabou ocasionando em um pedido de afastamento de algumas funções (Cf. WRIGHT, 2011, p.50). Em 1967 foi indicado para a função de secretário-geral da Conferência dos Bispos Salvadorenhos, partindo assim para residir em San Salvador. Após sua chegada à capital, residindo em San José la Montaña, Romero também foi eleito como secretário da Conferência dos Bispos da América Central. Auxiliou na organização do encontro Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) que ocorreu em Medellín, na Colômbia, em 1968, embora seu modo de pensar fosse diferente aos caminhos trilhados pelo evento (Cf. WRIGHT, 2011, p.52).

Nos anos seguintes do encontro, as metas propostas pelo evento (libertação, participação e as comunidades eclesiais de base) ganharam raízes em solo salvadorenho de forma exponencial. Porém, da parte de Romero havia um certo desconforto com tais mudanças abruptas propostas pela conferência de Medellín (Cf. WRIGHT, 2011, p.55).

2.2 BISPADO AUXILIAR E A DIOCESE DE SANTIAGO DE MARÍA

Em 1970, Romero foi eleito bispo auxiliar de San Salvador, a pedido do Arcebispo da referida diocese, Dom Luis Chávez y González. Romero foi ordenado bispo em 21 de junho de 1970, em uma cerimônia marcada pela presença de vários bispos de El Salvador e o presidente, Fidel Sánchez Hernández (Cf. WRIGHT, 2011, p.56). A ordenação não agradou a todos, haja vista o grande número de pessoas que não simpatizavam com o candidato à ordem episcopal, como é possível verificar a seguir:

Nem todo mundo ficou feliz com o fato de Romero ter sido sagrado bispo. Os seus costumes pareciam ligados ao passado, e a luxuosa cerimônia parecia estar em contradição com a terrível pobreza na qual vivia a maioria do povo de El Salvador. Romero estava fora de sintonia com as esperanças que grande parte do clero diocesano tinha para a Igreja desde a conferência de Medellín (WRIGHT, 2011, p.56).

Seu episcopado, enquanto bispo auxiliar de San Salvador, foi marcado por conflitos contra aqueles que buscavam as “mudanças na Igreja”, culpando-os pelas tensões que ocorriam em diversas regiões. Em especial, após ser nomeado editor do jornal arquidiocesano *Orientación* em 1971, criticou abertamente o método de ensino dos jesuítas e as perspectivas libertadoras apoiadas por eles (Cf. WRIGHT, 2011, p.58). Os conflitos do bispo auxiliar com o povo e outras instâncias frearam com sua nomeação para ser bispo da diocese de Santiago de María em 1974.

Em seu governo as luzes do Concílio Vaticano II brilharam plenamente sobre a diocese, todavia Medellín estava tomada pelas sombras das dúvidas que pairavam em Romero referente a essa conferência e suas propostas (Cf. WRIGHT, 2011, p.63). Romero, nesse período, reagiu de forma agressiva e buscou combater as manifestações que buscavam responder às represálias do governo. Manifestou grande insatisfação no movimento de ocupação de Igrejas, sempre ligando com os

movimentos revolucionários oriundos da teologia libertadora nascente (Cf. WRIGHT, 2011, p.64).

Algo que é digno de nota, e um tanto curioso, é o fato de Romero ter manifestado contra a “teologia política” e “supostas novas cristologias” oriundas da reflexão dos jesuítas da Universidad Centroamericana (UCA). Entre eles destaca-se a figura de Jon Sobrino, teólogo que posteriormente será responsável pela grande estruturação da teologia contida na vida de Romero e um de seus amigos e admiradores (Cf. WRIGHT, 2011, p.64).

Todavia, de certa forma, era possível perceber em seu episcopado o zelo pelos pobres, como por exemplo quando escreveu em novembro de 1976 uma carta repudiando a forma de tratamento dos trabalhadores rurais em sua diocese (Cf. WRIGHT, 2011, p.67-68).

Wright aponta que a jornada de “conversão” de Romero iniciou no próprio episcopado em Santiago de María. Três fatores foram apresentados como processos que desencadearam na mudança de perspectiva de Romero: trato com o povo, mudança da percepção da realidade e a violência. A passagem do secretariado na Conferência dos Bispos para a vivência pastoral foi um divisor de águas para Romero. Suas perspectivas de realidade foram sendo modificadas com o tempo, graças às mudanças sociais e também à abertura para a realidade sofrida. Por fim, os conflitos e massacres em seu período, enquanto ordinário da diocese supracitada, em especial o massacre em Tres Calles, proporcionaram angústia em Romero (Cf. 2011, p.68).

Porém, sua forma de tratar as situações era pela via “silenciosa”, pois ele ainda cria que “era melhor resolver os problemas silenciosamente, a portas fechadas, no nível da Igreja e das autoridades civis” (WRIGHT, 2011, p.68). Suas iniciativas giraram em torno de cartas e encontros com as autoridades, tentando resolver de forma burocrática e pacífica, pois Romero pensava que seria melhor intervir por via do contato com as autoridades competentes, além de não crer a total ligação da Igreja com os fatos e agir com cautela por desconhecer o motivo das mortes (Cf. WRIGHT, 2011, p.68-69).

3. DA PROFECIA AO MARTÍRIO

Em 1977 a Arquidiocese de San Salvador para à espera da resposta a uma pergunta chave: Quem substituirá Dom Luis Chávez González? Ele estava

alcançando o tempo da hemeritude, logo, surgia a ansiedade pela espera de seu sucessor. Por ele deixar para trás “um clero comprometido com os pobres”, o favorito para a sucessão era o então bispo auxiliar da mesma diocese, Dom Arturo Rivera Y Damas. Todavia, frente a toda crise sociopolítica que a região vivia, com os conflitos entre os militares e o povo e com o surgimento dos esquadrões da morte⁴, as esperanças foram desfeitas. Wright aponta a decisão da seguinte forma:

O clero dava preferência a Arturo Rivera y Damas, que fora bispo auxiliar desde 1960, para substituir Chávez como arcebispo. Chávez também preferia Rivera y Damas. Roma, no entanto, tinha outros planos. Escolheram Romero como o novo arcebispo, tomando o partido dos abastado latifundiários, dos líderes do governo e dos oficiais do exército – mais de quarenta no total -, com quem o nuncio apostólico havia conversado (WRIGHT, 2011, p.77).

Romero tomou posse do arcebispado em 22 de fevereiro de 1977 em uma cerimônia simples, sempre procurando apaziguar as realidades conflituosas que permeavam a arquidiocese (Cf. WRIGHT, 2011, p.77). No mesmo dia, surge outra crise no governo salvadorenho: por meio de uma eleição fraudulenta, o general Humberto Romero⁵ sobe ao poder. Tal evento causou a revolta da população e, uma semana depois da posse, no dia 28 de fevereiro, ocorre uma chacina em frente a uma Igreja. Militares mataram dezenas de manifestantes próximo à catedral metropolitana de San Salvador (Cf. WRIGHT, 2011, p.78).

3.1 A MORTE DO PADRE RUTILIO GRANDE

As revoltas continuaram por muito tempo, assim como as represálias contra todos que se colocavam contra o governo. Em 12 de março, o Padre Rutilio Grande, pároco em Aguilares e fortemente envolvido nas causas sociais, junto de alguns camponeses, passavam de carro na região de El Paisnal. Um esquadrão de tocaia cercou-os e abriu fogo contra eles, sobrevivendo apenas as crianças que estavam juntas. À noite, Romero vai a Aguilares para verificar o ocorrido, se deparando com os

⁴ Os esquadrões eram incentivados pelos latifundiários a “caçar” todos que manifestavam em prol dos direitos da terra. Entre os alvos estavam os clérigos que auxiliavam na formação de consciência daquele povo. A crise foi tão assombrosa ao ponto de folhetos serem distribuídos com a frase “Seja patriota, mate um padre!” mortes (Cf. WRIGHT, 2011, p.74-75).

⁵ Vale notar que ele não tinha nenhum grau de parentesco com Dom Oscar Romero.

corpos na casa paroquial. Padre Rutilio era amigo de Romero, principalmente graças às organizações pastorais da época que era bispo auxiliar (Cf. WRIGHT, 2011, p.78). Dois dias depois, Romero, junto de vários padres, celebraram a missa exequial na qual apontou sinais de mudança de sua postura perante a realidade. Dom Romero apresentou que o momento não era para falar de sua amizade a Grande, mas um momento de mensagem motivadora e iluminadora.

Si fuera un funeral sencillo hablaría aquí -queridos hermanos- de unas relaciones humanas y personales con el Padre Rutilio Grande, a quien siento como um hermano. En momentos muy culminantes de mi vida él estuvo muy cerca de mí y esos gestos jamás se olvidan; pero el momento no es para pensar em lo personal, sino para recoger de esse cadáver un mensaje para todos nosotros que seguimos peregrinando (ROMERO, 2000a, p.1)⁶.

Romero destaca, ainda, o caráter religioso daquela celebração e da rememoração da vida de Padre Rutilio:

Jamás, hermanos, a ninguno de los aquí presentes se le vaya a ocurrir que esta concentración em torno del Padre Grande tiene un sabor político, un sabor sociológico o económico; de ninguna manera, es una reunión de fe. Una fe que a través de su cadáver muerto em la esperanza, se abre a horizontes eternos. [...] La liberación que el Padre Grande predicaba, es inspirada por la fe, uma fe que nos habla de una vida eterna, una fe que ahora él com su rostro levantado al cielo, acompañado de dos campesinos, la ofrece em su totalidad, em su perfección: la liberación que termina em la felicidad em Dios; la liberación que arraca del arrepentimiento del pecado, la liberación que apoya em Cristom la única fuerza salvadora; esta, es la liberación que Rutilio Grande há predicado, y por eso há vivido el mensaje de la Iglesia (ROMERO, 2000a, p.2)⁷.

⁶ Se fosse um simples funeral, falaria aqui -queridos irmãos- das relações humanas e pessoais com o Padre Rutilio Grande, a quem considero como irmão. Em momentos culminantes de minha vida, ele esteve muito perto de mim e esses gestos jamais serão esquecidos. Porém o momento não é para pensar no pessoal, mas para recolher desse cadáver uma mensagem para todos nós que seguimos caminhando [Tradução nossa].

⁷ Jamais, irmãos, a nenhum dos que estão aqui presentes venha a pensar que esta concentração em torno do Padre Grande possui um sabor político, sociológico ou econômico. De nenhuma maneira, é uma reunião de fé. Uma fé que através de seu cadáver, na esperança, abre-se aos horizontes eternos. [...] A libertação que o Padre Grande pregava é inspirada pela fé, uma fé que nos fala da vida eterna, uma fé que agora com o rosto voltado ao céu, acompanhado dos camponeses, oferece em sua totalidade, em sua perfeição: a libertação que termina na felicidade em Deus. A libertação que retira do arrependimento do pecado, a libertação que apoia em Cristo, a única força salvadora. Esta é a libertação que Rutilio Grande pregou, e por isso viveu a mensagem da Igreja [Tradução nossa].

Outro ponto importante que pode ser destacado na homilia é a exaltação da Doutrina Social da Igreja chamando-a de um “olhar a Deus, e, desde Deus, olhar o próximo como irmão e sentir que ‘tudo que se fizer a um deles a mim estará fazendo’” (ROMERO, 2000a, p.3, Tradução nossa)⁸. Porpõe-se que Padre Rutilio tinha tal sentimento e, por incompreensão, acabou sendo assassinado.

3.2 A “CONVERSÃO” DE ROMERO E SUAS PROFECIAS

Romero ficou atordoado e inquieto perante o ocorrido em sua diocese. Tal evento levou o bispo salvadorenho a propor no domingo seguinte algo que mudaria toda a vida eclesial de El Salvador: a única missa. Embora autoridades eclesásticas não concordassem com o ato, o bispo de San Salvador reuniu os padres da diocese para consultar a possibilidade da realização. A decisão quase unânime (71 votos a favor, 1 contra e 1 abstenção) levou a cabo a empreitada de cancelar todas as missas no domingo subsequente ao homicídio. Wright aponta que “no domingo seguinte, cem mil pessoas lotaram a praça diante da catedral metropolitana de San Salvador” (WRIGHT, 2011, p.83). Em diversos momentos Romero foi ovacionado pela assembleia. O evento foi um divisor de águas para a relação de Romero com o povo (incluindo seu presbitério). Romero havia se convertido, na perspectiva de uma “nova percepção da vida”. Wright apresenta o seguinte:

A conversão de Romero talvez possa também ser comparada a um chamado para compartilhar as Boas-novas da graça de Deus com o seu povo. À semelhança de Paulo, que compartilhou as Boas-novas de Jesus Cristo com os gentios, Romero anunciou a Boa-nova para os pobres de uma maneira nova e profundamente vivificante (WRIGHT, 2011, p. 88).

Nos meses procedentes, Romero iniciou uma longa empreitada de denunciar ferrenhamente toda estrutura que gerava violência e oprimia aqueles que nada tinham. Mudou-se para o Hospital da Divina Providência onde passou a residir e propôs iniciativas em prol do auxílio dos pobres.

Romero também fundou um Escritório de Auxílio Judiciário para ajudar os pobres que não tinham dinheiro para pagar as custas judiciais e os

⁸ [...]mirar a Dios, y desde Dios mirar al prójimo como hermano y sentir que “todo lo que hicieréis a uno de éstos a mí lo hicisteis”.

honorários advocatícios, o qual desempenhou um importante papel ao documentar as violações dos direitos humanos e ao fornecer testemunho para as suas homilias dos domingos (WRIGHT, 2011, p.93).

Além do departamento jurídico supracitado, ele vivificou a estação de rádio da diocese, YSAX, que utilizou para o contato com todos os fiéis (Cf. WRIGHT, 2011, p.94). Utilizando as homilias e os meios de comunicação, Romero buscou transmitir a verdade a todos, via que encontrou para propagar a justiça. Utilizou de suas homilias e cartas pastorais como forma profética de aproximação do Evangelho à realidade salvadorenha. Romero se tornou “voz dos sem voz”.

Um dos fatos mais marcantes na vida de Romero foi sua intervenção frente ao cerco dos militares à cidade Aguilares em 19 de maio de 1977. Cerca de dois mil soldados tomaram a cidade à base da violência, saqueando o vilarejo e abusando da autoridade para oprimir homens e mulheres. Wright cita que “a Guarda Nacional profanou a igreja de Aguilares e a usou como quartel. Soldados abriram o sacrário a tiros e espalharam as hóstias pelo chão” (WRIGHT, 2011, p.97). No domingo subsequente, Solenidade da Ascensão, 22 de maio de 1977, Romero denuncia publicamente os atos cometidos. Dentro de sua homilia cita:

Esta misma semana, hemos denunciado las violencias en Aguilares t bien hemos denunciado la violencia al Padre Victor Guevara, llevado a la Guardia Nacional y tratado indignamente; el Padre Vides, capellan de la Guardia Nacional, enviado por el Arzobispo para recoger el Santisimo Sacramento de la Iglesia de Aguilares, y no se le dejó, ni al mismo Arzobispo se le permitió ir a cumplir este deber de traer el Santisimo para evitar su profanación. Por último se le dejó al Padre Vides y espero que anoche haya venido con el Santisimo. Y así, hermanos, por todos los que sufren la tortura, la vejación la Iglesia no puede callar, porque es la voz de Cristo que desde su ascensión, manifestando la dignidad humana en su cielo glorioso, nos dice cómo ama a la humanidad y cómo reprocha él que existan todavía en el mundo estas lagunas de conculcaciones de la dignidad del hombre (ROMERO, 2000a, p.58)⁹.

⁹ Nesta mesma semana, denunciemos as violências em Aguilares, também denunciemos a violência ao Padre Víctor Guevara, levado à Guarda Nacional e tratado indignamente, o Padre Vides, capelão da Guarda Nacional, enviado pelo Arcebispo para recolher o Santíssimo Sacramento da Igreja de Aguilares, sendo que não o permitiram, nem mesmo o Arcebispo foi permitido a cumprir tal dever de trazer o Santíssimo para evitar sua profanação. Por fim foi autorizado ao Padre Vides e espero que à noite tenha vindo com o Santíssimo. E assim, irmãos, por todos os que sofrem torturas e vexames, a Igreja não pode se calar, porque é a voz de Cristo que, desde sua ascensão, manifesta a dignidade humana no céu glorioso, nos diz como ama a humanidade e como reprova a existência no mundo de lacunas que violam a dignidade do homem [Tradução nossa].

O cerco durou um mês, com a retirada do exército em 19 de junho. Em resposta, Romero, junto com a comunidade de fé local, celebrou uma missa em ação de graças. Sua postura na celebração foi de aproximação de sua presença e da Igreja a todos que sofreram com o cerco, manifestando atenção e zelo por aqueles “que haviam perdido entes queridos, os que estavam sendo torturados, os que tinham tido que fugir. Quando terminou, cinco mil pessoas aplaudiram as suas palavras” (WRIGHT, 2011, p.98).

No dia primeiro de julho, o General Carlos Humberto Romero (sem vínculo familiar com Oscar Romero) tomou posse como novo presidente de El Salvador. Oscar Romero decidiu não participar da solenidade civil como forma de protesto (e ato profético) por conta do assassinato de Grande nunca ter sido investigado (Cf. WRIGHT, 2011, p.100).

Durante seu episcopado, Romero escreveu quatro cartas pastorais, sendo que o tema fundamental que perpassou a trama delas foi a relação da Igreja com o Mundo, tratando com seriedade a realidade histórica salvadorenha (Cf. WRIGHT, 2011, p.101). Concretizou a vivência evangélica numa eclesiologia que caminha em direção aos pobres, fundamentando fortemente “aos ensinamentos da Igreja, especialmente aos do Concílio Vaticano II, às encíclicas sociais de Paulo VI, e aos ensinamentos de Medellín e Puebla” (WRIGHT, 2011, p.102). Wright destaca a importância dos meios que Romero encontrou para a promoção da justiça:

Romero entendia que, sem a verdade, não poderia haver justiça. As suas homilias semanais e cartas pastorais eram tentativas de apresentar a verdade do Evangelho e a doutrina social da Igreja em meio à desordem política da nação. As suas palavras tinham o poder da verdade em um país onde a mídia era controlada pelo governo e chegava a falsificar a realidade em favor dos ricos e poderosos (WRIGHT, 2011, p.104).

E ainda que:

Em todas as suas cartas pastorais e homilias, Romero fez o que o Magistério havia ensinado, deliberando com o seu povo “para analisar com objetividade a situação adequada ao seu país, para derramar sobre ele a luz das palavras inalteráveis do Evangelho, e traçar princípios de reflexão, normas de avaliação e diretivas para ação a partir do ensinamento social da Igreja” (Octogesima Adveniens, n.04) (WRIGHT, 2011, p. 105).

Portanto, é possível constatar que Romero manifestou ferrenhamente seu posicionamento junto à Igreja. Fiel ao magistério e, ao mesmo tempo, vivente do Evangelho encarnado no mundo de um Deus que vai ao encontro dos pobres. O arcebispo de San Salvador resplandeceu a luz para a nação salvadorenha, no entanto sabia que, por conta disso, também “estava provocando a perseguição, pois havia alguns que ‘fingiam não ouvir a voz do Vaticano II e de Medellín’, aqueles que ‘estavam escandalizados com a nova face da Igreja’” (WRIGHT, 2011, p.106).

Suas homilias e cartas pastorais geraram grande desconforto ao governo, o que levaram ao alvoroçar das forças militares, chegando ao ponto de soldados confrontarem vilarejos, prenderem padres e tortura-los. Entre os casos, houve a tomada dos arredores de Osicala, no departamento de Morazán. No domingo seguinte “Romero lamentou a prolongada perseguição da Igreja [...] e pronunciou formalmente a excomunhão daqueles que haviam agredido violentamente o padre” (WRIGHT, 2011, p.108). Nota-se com tais iniciativas que a figura da Igreja de San Salvador, na pessoa do bispo Romero, passou a se posicionar cada vez mais contra toda estrutura de violência e opressão do governo militar. No dia 24 de novembro de 1977, meses após os pronunciamentos de Romero, o governo aprovou uma lei denominada Lei da Defesa da Ordem Pública, dando total jurisdição às autoridades militares deterem qualquer indivíduo suspeito de participarem de atividades proibidas (Cf. WRIGHT, 2011, p.109). Na homilia de 27 de novembro de 1977, Romero expressa sua indignação:

Yo, pues, no me meto en la técnica jurídica, aunque he oído algunos abogados encontrar pecados jurídicos en esa Ley, toca a los abogados hacer honor a su profesión y ver si se nos ha dado una verdadera ley técnica o no. Pero desde el punto de vista teológico, sacerdotal, iluminador de la Palabra de Dios, si tengo el derecho y el deber de iluminar este acontecimiento de nuestra Patria. Y voy a sacar una página de nuestro máximo teólogo, Santo Tomás de Aquino en su Prima Secunde, [...] la cuestión 90 estudia la ley y la define así: «Ley es una prescripción de la razón, en orden al bien común, promulgada por aquel que tiene cuidado de la comunidad». Es breve y aquí encontramos cuatro elementos de la verdadera Ley. Prescripción de la razón, “*ordinatio rationis*”, quiere decir que no debe ser fruto de la arbitrariedad o del capricho. Ya los paganos distinguían este elemento racional de la ley, del elemento caprichoso del dictador que dice el famoso dicho: “*sic volo, sic juveo, sic pro ratione voluntas*”, quiere decir, “asi lo ordeno, asi lo quiero, por única razón sea que asi lo

quiere”. Esto no es racional. El hombre se rige por la razón, no por la arbitrariedad y el capricho (ROMERO, 2000b, p.03)¹⁰.

No ano de 1979 Romero participou diversos eventos, entre eles a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Puebla. Romero, já era conhecido no mundo inteiro como “defensor eloquente dos direitos humanos e da justiça social” (WRIGHT, 2011, p.144). Na conferência, todavia, Romero não buscou destaque, preferiu trabalhar de forma silenciosa na comissão sobre a evangelização e o desenvolvimento humano (Cf. WRIGHT, 2011, p.144). Em um dado momento, em uma entrevista, Romero admitiu que os fatos ocorridos nos dois anos anteriores mudaram sua perspectiva de mundo, mesmo não compreendendo enquanto uma mudança drástica com o passado (Cf. WRIGHT, 2011, p.145).

Os conflitos continuaram no ano corrente, período no qual Romero apresentou sua última carta pastoral.

Como nos documentos de Puebla, Romero inicia com uma análise da realidade social, econômica e política de El Salvador, em seguida examina essa realidade à luz do ensinamento e da missão da Igreja, e finalmente determina as implicações pastorais para a Igreja. Além disso, Romero examina mais criticamente a violência e o marxismo, diferenciando e avaliando diferentes expressões de cada um deles (WRIGHT, 2011, p.151).

Uma das grandes propostas da carta pastoral era da pastoral do acompanhamento, sendo uma estrutura pastoral que oferecesse orientações aos cristãos que “se sentem atraídos para uma vocação de ativismo político em uma organização popular ou em um partido político” (WRIGHT, 2011, p.156). Romero denominou-a como uma proposta ministerial evangelizadora. É mister destacar que

¹⁰ Eu, portanto, não me intrometo na técnica jurídica, todavia tenha ouvido alguns advogados que encontraram erros jurídicos nessa lei, cabe aos advogados honrarem à profissão e verificar se nos foi dada uma verdadeira lei técnica ou não. Porém desde o ponto de vista teológico, sacerdotal, iluminado pela Palavra de Deus, tenho o direito e o dever de iluminar este acontecimento de nossa pátria. Pego uma página de nosso maior teólogo, Santo Tomás de Aquino em sua Prima Secundae [trecho da obra *Summa Teológica*], a questão 90 estuda a lei e a define assim: “Lei é uma prescrição da razão, que ordena ao bem comum, promulgada por aquele que cuida da comunidade”. Brevemente encontramos quatro elementos da verdadeira lei. Prescrição da razão “*ordinatio rationis*”, quer dizer que não deve ser fruto da arbitrariedade ou de capricho. Os pagãos distinguiam este elemento racional da lei, do elemento caprichoso do ditador que disse o famoso dito: “*sic volo, sic juveo, sic pro ratione voluntas*”, quer dizer, “assim eu ordeno, assim eu quero, pela única razão que assim eu quero”. Isto não é racional. O homem se rege pela razão, não pela arbitrariedade e o capricho [Tradução nossa].

“ele não estava falando de ‘uma atividade pastoral politizada’, e sim de ‘um tipo de trabalho pastoral que orienta as consciências cristãs de acordo com o Evangelho em um ambiente politizado’” (WRIGHT, 2011, p.156). Por conta disso Romero começou a se tornar alvo de violência que antes os pobres sofreram, ao ponto de militares importunarem suas visitas pastorais e gravarem as missas (Cf. WRIGHT, 2011, p.159).

No fim de 1979, El Salvador estava à beira da crise, a ponto de uma guerra civil. Porém, como uma tentativa de acalmar os ânimos, ocorre um golpe de estado pelos militares, substituindo o general Romero. O novo governo manifestou maior abertura, a princípio com a Igreja. Ao mesmo tempo, a violência continuou contra o povo. Wright destaca a realidade do novo governo apresentando que

o novo governo composto por democratas cristãos e militares prometeu reformas, mas só ofereceu uma sangrenta repressão. Semanalmente, Romero lia uma lista com os assassinatos e desaparecimentos cometidos pelo governo e pelos esquadrões da morte estreitamente vinculados a eles [...] (WRIGHT, 2011, p.170).

3.3 OS ÚLTIMOS MOMENTOS

Romero, com o passar do tempo, começou a receber ameaças cada vez mais insistentes, ao ponto de expressar sua preocupação a seu confessor no retiro anual realizado em fevereiro de 1980. Sua maior preocupação seria a necessidade de forças para aceitar o seguimento do Evangelho em sua vida (Cf. WRIGHT 2011, p. 185). Após o retiro, Romero continuou condenando a violência acometida contra a população e denunciando as ocupações ilegais do exército nos vilarejos.

Em março do mesmo ano as ameaças de morte haviam se tornado mais frequentes. Em uma entrevista Romero foi questionado sobre as ameaças, de forma serena responde “Minha vida foi ameaça muitas vezes. Devo confessar que, na condição de cristão, não acredito na morte sem ressurreição. Se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho” (WRIGHT, 2011, p.191). Palavras que demonstram claramente a confiança que esteja fazendo a coisa certa, e testemunho da vivência da fé.

Em 23 de março de 1980, Romero pregou sua última homilia dominical. Ela foi conhecida e lembrada pela coragem nas palavras do arcebispo. Wright aponta a beleza da homilia “típica de Romero e uma maravilhosa janela para a espiritualidade

de um homem que personificava a alegria pascal que ele proclamava com tanta coragem” (WRIGHT, 2011, p.191).

A cruz e a espiritualidade, a morte e a vida: esses são os pontos cardeais da espiritualidade de Romero. E eles estão interligados, não sequencialmente, como se o caminho da cruz, em última análise, conduz à ressurreição. Agora mesmo, em meio à mais cruel paixão que o seu povo estava vivendo, o espírito da ressurreição penetra as trevas e oferece luz e esperança aos pobres (WRIGHT, 2011, p.192).

Em sua última há três pontos que merecem ser destacados: a promoção da dignidade humana, visto que “em meio à terrível violência e repressão do exército e dos esquadrões da morte, Romero nunca perdeu de vista a dignidade humana de todas as pessoas” (WRIGHT, 2011, p.193).

Por eso, la salvación comienza desde el hombre, desde la dignidad del hombre, de arrancar del pecado a cada hombre. Y en la Cuaresma, este es el llamamiento de Dios: ¡Convertíos! individualmente. No hay aquí entre todos los que estamos, dos pecadores iguales. Cada uno ha cometido sus propias sinvergüenzadas y queremos echarle al otro la culpa y ocultar las nuestras. Es necesario desenmascaramme, yo soy también uno de ellos y tengo que pedir perdón a Dios he ofendido a Dios y a la sociedad. Este llamamiento de Cristo: ¡la persona ante todo! (ROMERO, 2000c, p.363)¹¹.

O segundo é a compreensão de que Deus deseja salvar a todos, pois “o plano de Deus da salvação é tornar a história de cada povo a história da salvação” (WRIGHT, 2011, p.193).

Y desde esa libertad del Reino de Dios, la Iglesia, que no sólo es criterios y los sacerdotes sino todos ustedes los fieles, las religiosas, los colegios católicos, todo lo que es el Pueblo de Dios, el núcleo de los creyentes una Cristo, debíamos de unificar nuestros criterios; no debíamos de desunirnos, no debíamos de parecer dispersos y muchas veces como que somos acomplejados ante las organizaciones políticas populares y queremos complacerlas más a ellas que al Reino de Dios una sus designios eternos. No tenemos nada que mendigarle a nadie porque tenemos mucho que darles a todos... Y esto no es

¹¹ Por isso, a salvação começa desde o homem, desde a dignidade do homem, de retirar do pecado cada homem. E na quaresma, este é o chamamento de Deus: “convertei-vos!” individualmente. Não há aqui entre os que estão aqui dois pecadores iguais. Cada um cometeu suas próprias ações vergonhosas, queremos condenar a culpa do outro e ocultar as nossas. É necessário desmascarar-nos, eu sou também um deles e tenho que pedir perdão a Deus por ter ofendido a Deus e a sociedade. Este é o chamamento de Cristo: a pessoa acima de tudo! [Tradução nossa].

soberbia sino la humildad agradecida del que una recibido de Dios una revelación para comunicarla a los demás (ROMERO, 2000c, p.363)¹².

Já o terceiro é a dimensão transcendente da libertação, ou “libertação definitiva”, que perpassa pelo fato de “encarar a nossa vida nas lutas históricas da nossa época, e especialmente na dos pobres, que descobrimos o plano de Deus e a promessa da salvação” (WRIGHT, 2011, p.194).

Hoy aparece claro como es Dios el que toma la iniciativa: "El pueblo que Yo forme", dice en la primera lectura Dios. Es el Dios hablando con Israel: "Yo te escogí, tu historia te la voy haciendo Yo". Hermoso el momento en que el hombre comprende en que no es más que un instrumento de Dios. Tanto vive cuanto Dios quiere que viva. Tanto puede, tanto Dios quiere que pueda. Tanta inteligencia tienes, sólo la que Dios te ha dado. Poner todas esas limitaciones en las manos de Dios, reconocer que sin Dios no se puede hacer nada. De allí, queridos hermanos, que en un sentido trascendente de esta hora en El Salvador, es orar mucho, muy unidos con Dios. Y hay gente que está trabajando por la liberación uniéndose con Dios (ROMERO, 2000c, p.370)¹³.

A homilia termina com um imperativo que culminara em grande alvoroço. Romero, soube vivenciar a adesão do seguimento de Cristo em sua vida, ao ponto de amar a todos (inclusive os opressores), assim como Jesus amou, chamando-os de “irmãos”, “por isso exigia que prestassem contas. O seu amor pelos inimigos, contudo, estava radicado no seu amor pelos pobres e no seu amor pelo Evangelho” (WRIGHT, 2011, p.196), de forma que sua mensagem sempre esteve fundamentada na verdade

¹² E dessa liberdade do Reino de Deus, a Igreja, que não é só o bispo e os padres, mas todos vocês, fiéis, religiosas, colégios católicos, tudo isso é o Povo de Deus, o núcleo dos crentes em Cristo, deveríamos unificar nossos critérios. Não deveríamos estar desunidos, não deveríamos parecer dispersos e muitas vezes nos sentimos constrangidos perante as organizações políticas populares e quereríamos agradá-las mais do que o Reino de Deus em seus desígnios eternos. Não temos nada a pedir a ninguém, porque temos muito para dar a todos... E isso não é orgulho, mas a humildade de quem recebeu uma revelação de Deus para comunicá-la aos outros [Tradução nossa].

¹³ Hoje aparece claramente como é Deus que toma a iniciativa: “O povo que eu formei”, disse Deus na primeira leitura. É Deus falando com Israel: “Eu te escolhi, contarei a tua história”. É lindo o momento em que o homem compreende que não é mais que um instrumento de Deus. Tanto vive quanto Deus quer que viva. Tanto pode, quanto Deus queira que pode. Possui tanta inteligência, somente a que Deus tenha dado. Dispor todas as limitações nas mãos de Deus, reconhecer que sem Deus não se pode fazer nada. Daí, queridos irmãos, que em sentido transcendente desta hora em El Salvador, é rezar muito, muito unidos com Deus. E há pessoas que estão trabalhando pela libertação, unindo-se com Deus [Tradução nossa].

e justiça. Romero no fim da homilia se dirige diretamente aos homens do exército, de forma especial à guarda nacional, polícia e aos quartéis:

Hermanos, son de nuestro mismo pueblo, matan a sus mismos hermas nos campesinos y ante una orden de matar que dé un hombre, debe de prevalecer la Ley de Dios que dice: NO MATAR... Ningún soldado está obligado a obedecer una orden contra la Ley de Dios... Una ley inmoral nadie tiene que cumplirla... Ya es tiempo de que recuperen su conciencia y que obedezcan antes a su conciencia que a la orden del pecado... La Iglesia, defensora de los derechos de Dios, de la Ley de Dios, de la dignidad humana de la persona, no puede quedarse callada ante tanta abominación. Queremos que el Gobierno tome en serio que de nada sirven las reformas si van teñidas con tanta sangre... En nombre de Dios, pues, y en nombre de este sufrido pueblo cuyos lamentos suben hasta el cielo cada día más tumultuosos, les suplico, les ruego, les ordeno en nombre de Dios: ¡Cese la represión...! (ROMERO, 2000c, p.384)¹⁴.

No dia seguinte, 24 de março de 1980, por volta das 17h, na capela do Hospital da Divina Providência, Romero celebrou a missa como de costume para algumas religiosas e leigos presentes. A celebração foi marcada pela memória do falecimento de sua amiga, Sara Meardi e Pinto. Em um dado momento diz:

Acaban de escuchar em el evangelio de Cristo que es necesario no amarse tanto a sí mismo, que se cuide uno para no meterse em los riesgos de la vida que la historia nos exige, y, que el quiera apartar de sí el peligro, perderá su vida. En cambio, al que se entrega por amor a Cristo al servicio de los demás, éste vivirá como el granito de trigo que muere, pero aparentemente muere. Si no muriera se quedaría solo. Si la cosecha es, porque muere, se deja inmolar esa tierra, deshacerse y sólo deshaciéndose, produce la cosecha (ROMERO, 2000c, p.385)¹⁵.

¹⁴ Irmãos, [vocês] são do nosso mesmo povo, matam a seus irmãos camponeses diante de uma ordem de matar dada por um homem, deve de prevalecer a Lei de Deus que diz: NÃO MATAR. Nenhum soldado é obrigado a obedecer a uma ordem contra a Lei de Deus. Ninguém tem de cumprir uma lei imoral. Já é tempo de recuperarem a consciência e obedecer a suas consciências que à ordem do pecado. A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da Lei de Deus, da dignidade da pessoa humana, da pessoa, não pode permanecer calada diante de tanta abominação. Queremos que o governo considere seriamente que de nada serve as reformas se estão manchadas com tanto sangue. Em nome de Deus, pois, e em nome deste povo sofrido cujos lamentos sobem aos céus cada dia mais tumultuosos, lhes suplico, lhes rogo, lhes ordeno em nome de Deus: Cessem a repressão! [Tradução nossa].

¹⁵ Acabaram de ouvir no Evangelho de Cristo que é preciso não amar tanto a si mesmo, que um que se cuida para não se deixar envolver pelos riscos da vida que a história nos exige e que queira afastar de si o perigo, perderá sua vida. Em contrapartida, quem se entrega por amor de Cristo ao serviço dos outros, viverá como o grão de trigo que morre, mas aparentemente morre. Se ele não morresse, ficaria sozinho. Se há a colheita, é porque morre,

Providencialmente a homilia daquele dia encaixou-se no fato que logo ocorreria, Romero se tornou o grão de trigo, ao cair por terra sua mensagem frutificou.

De esta Santa Misa, pues, esta Eucaristía, es precisamente un acto de fe: Con fe cristiana parece que en este momento la voz de diatriba se con- vierte en el cuerpo del Señor que se ofreció por la redención del mundo y que en ese cáliz el vino se transforma en la sangre que fue precio de la salvación. Que este cuerpo inmolado y esta Sangre Sacrificada por los hombres nos alimente también para dar nuestro cuerpo y nuestra sangre al sufrimiento y al dolor, como Cristo, no para sí, sino para dar conceptos de justicia y de paz a nuestro pueblo. Unámonos pues, íntimamente en fe y esperanza a este momento de oración por Doña Sarita y por nosotros (ROMERO, 2000c, p.387)¹⁶.

Na sequência da missa, Romero é atingido por “uma única bala da arma do seu assassino que perfurou-lhe o coração no momento em que ele erguia o cálice de vinho no ofertório da missa (Cf. WRIGHT, 2011, p. 198). Dom Oscar Romero vivenciou em tudo a vida de Cristo. A capela do Hospital da Divina Providência foi seu golgota. Ali o trigo foi plantado. Ali tudo foi consumado.

Wright aponta que o martírio de Romero foi um sinal de fidelidade da Igreja ao Evangelho. Romero sempre esteve ao lado dos pobres, promovendo a vida e combatendo tudo que fosse contra ela. O martírio sempre foi sinal de credibilidade da Igreja, não por questões de glória, mas “porque é um indício de que a Igreja se encontra genuinamente em harmonia com os pobres, bem como com o sofrimento e a alegria do seu povo” (WRIGHT, 2011, p.199).

Tanto na vida quanto na morte, Romero prestou testemunho à antiga sabedoria da Igreja: “O sangue dos mártires é a semente de novos cristãos”. Enquanto era arcebispo, Romero lembrou ao mundo que o lugar privilegiado da Igreja está entre aqueles que sofrem, onde quer que possam estar. No final, a sua morte – assim como a morte de tantos mártires que se uniram a Cristo em uma generosa oferenda da

essa terra se deixa imolar, desfeita e só desfazendo-se, ela mesma produz a colheita [Tradução nossa].

¹⁶ Esta Santa Missa, pois, esta Eucaristia, é precisamente um ato de fé: com a fé cristã parece que neste momento a voz da diátriba [afronta] se converte no corpo do Senhor que se ofereceu pela redenção do mundo e que nesse cálice o vinho se transforma no sangue que foi o preço da salvação. Que este corpo imolado e este sangue sacrificado pelos homens nos alimentem também para oferecermos nosso corpo e sangue ao sofrimento e à dor, como Cristo, não para si, mas para ofereceu conceitos de justiça e paz ao nosso povo. Unamo-nos, pois, intimamente na fé e esperança neste momento de oração pela Senhora Sarita e por nós [Tradução nossa].

sua vida – foi redentora. A Boa-Nova do Evangelho que Romero proclamava continua a ser hoje uma presença ativa e estimulante da vida dos pobres (WRIGHT, 2011, p. 201).

Dom Oscar Romero foi sepultado, dias após o assassinato, na catedral de San Salvador, em um evento marcado pela imensidão de pessoas que desejavam se despedir do bispo salvadorenho e da repressão do exército contra as manifestações frente à catedral. Romero foi sepultado na realidade que sempre viveu, ele foi sinal da Igreja em El Salvador e foi sinal de El Salvador na Igreja, pois “assim como os mártires que preceram o de Romero, e aqueles que vieram depois, a sua morte oferece luz e vida a uma Igreja que tem sido, desde os seus primórdios, uma Igreja dos mártires e uma Igreja dos pobres” (WRIGHT, 2011, p. 203).

CONCLUSÃO

Conclui-se que Romero vivenciou a proposta do Evangelho. Ele, por meio de seu episcopado, se tornou luz profética e sinal de esperança ao povo salvadorenho. A adesão ao Evangelho levou-o a denunciar todas propostas desumanizantes que ali se expressavam, e assim abraçar todos aqueles que foram deixados à beira da realidade.

Busca-se finalizar esse capítulo com uma narrativa profética da santidade de Romero. Antes mesmo de sua canonização, realizada pelo Papa Francisco em 2018, já era declarado santo pelo povo salvadorenho. Em todos os lugares via-se a frase “Mosenhor Romero vive!”.

Roberto Cuéllar, então diretor do Escritório de Assistência Jurídica da Arquidiocese, relata em entrevista que, na noite do assassinato de Romero, ele estava, junto com outros colaboradores, na Policlínica Salvadorenha, para onde haviam transferido o corpo de Romero. Na porta, estavam cerca de trinta moradores de rua. Um deles aproximou-se dele e, pensando que era um médico disse: “Doutor, mataram o santo!”. E uma mulher também se aproximou dele e implorou: “Deixem-nos tocar no santo”. Uns cinco ou seis desses sem-teto foram os primeiros a velar o corpo de Romero: os primeiros a reconhecer mosenhor Romero como um santo do povo (GONZALO, 2022, p.29).

CAPÍTULO II: O MARTÍRIO NA HISTÓRIA

INTRODUÇÃO

Na perspectiva cristã, martírio é uma palavra de origem grega (*μαρτυρία* ou *μαρτυριον*) que se refere ao testemunho dado por aqueles que optam por seguir a Cristo até a última consequência, a morte (Cf. LOUTH, 2004, p.1099). Vale ressaltar o caráter jurídico que Leonardo Kayser apresenta:

O conceito de martírio em seu surgimento entre os cristãos condensa ideias de testemunho jurídico e da pertinácia da fé, criando assim, uma forma de testemunho extrema. Uma confissão por Cristo perante uma plateia hostil vinda de um cristão que preferiu sofrimento e morte à negação do nome de Cristo (KAYSER, 2016, p.41).

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a perspectiva martirial na história, passando por alguns dados da Sagrada Escritura e chegando até à algumas reflexões teológicas contemporâneas pertinentes na pesquisa. Em primeiro lugar é apresentada a ideia contida no Antigo Testamento e no Novo Testamento, no qual surge a referencialidade de Jesus ao martírio.

Em um segundo momento escolheu-se comentar o relato do martírio de São Policarpo, momento no qual, segundo os pesquisadores, surge a compreensão de martírio enquanto libação da vida em prol do testemunho de Cristo.

Por fim, em um terceiro momento apresentar-se-á a proposta e perspectiva do martírio na visão contemporânea, para isso as fontes utilizadas serão dois fascículos da revista *Concilium* que remetem à temática, respectivamente 183 de 1983 (*Martírio Hoje*) e 299 de 2003 (*Repensar o Martírio*).

1. MARTÍRIO NA SAGRADA ESCRITURA

Nos itens a seguir será analisado de forma breve a concepção de martírio no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Para isso, será esmiuçada a proposta de compreender o martírio para além da concepção de fidelidade à fé, abrangendo a proposta do seguimento de Cristo como fator elemental do mártir.

1.1 MARTÍRIO NO ANTIGO TESTAMENTO

O martírio no Antigo Testamento se refere ao sacrifício pessoal de pessoas que mantiveram a fidelidade à sua fé e crenças, mesmo sob perseguição ou ameaça de morte. Andrew Louth aponta que no judaísmo já havia a compreensão de tal tema, embora não se usasse o termo em si. A temática no Antigo Testamento se desenvolveu principalmente no período da narrativa de Macabeus, e o mártir “estava assim no limiar do mundo vindouro. Sua morte expiava as faltas daqueles que esperavam essa vinda e a tornava mais próxima” (LOUTH, 2004, p.1099).

Luis Corrêa Lima em seu artigo apresenta a ideia de que o “gérmen” do martírio no Antigo Testamento apresenta-se em duas perspectivas: a figura do profeta e os acontecimentos pós-exílicos em torno da perseverança da fé (p. e. no livro de Macabeus) (Cf. LIMA, 2022, p.09).

Referente ao profeta é possível constatar que, embora não haja a ideia estruturada do martírio, ele abraça todos os elementos possíveis para se apresentar como tal. Isso se observa na análise de alguns episódios, por exemplo de Jeremias que, ao profetizar no templo, acaba causando conflito que, segundo a tradição, leva posteriormente ao apedrejamento:

⁷Sacerdotes, profetas e todo povo ouviram Jeremias pronunciar estas palavras no Templo de lahweh. ⁸E quando Jeremias terminou de falar tudo o que lahweh o mandara dizer a todo o povo, os sacerdotes os profetas e todo o povo prenderam-no dizendo: “Tu morrerás! ⁹Por que profetizaste em nome de lahweh, dizendo: ‘Este tempo será como Silo e esta cidade será ruínas sem habitantes?’” E todo o povo amotinou-se contra Jeremias no Templo de lahweh (Jr 26, 7-9).

Kayser ainda aponta que

O autor do cântico do Servo Sofredor de Isaías 53 também acreditava que o profeta sofre e morre por sua missão. Filho de uma época de invasões estrangeiras, sofrimento e perseguições, a identificação do profeta com a imagem martirológica é um desenvolvimento da crença judaica na vida após a morte, da crescente ênfase no dever e do pensamento de que quem se sacrifica por sua missão ganha aceitação imediata no Paraíso (KAYSER, 2016, p.81).

A segunda perspectiva torna-se mais forte para se falar do surgimento de uma possível “teologia do martírio”. Nota-se que nos acontecimentos posteriores ao

exílio, o tema da fidelidade passa a ganhar destaque. Para isso é possível averiguar a narrativa contida nos livros de II Macabeus que destaca a resistência dos judeus diante das perseguições religiosas. O livro apresenta a história dos mártires judeus, que preferiram morrer a violar as leis religiosas judaicas, entre eles o martírio dos sete irmãos que sofreram tal fim por se recusarem a ingerir carne de porco presente em 2Mc 7. Fisichella aponta o seguinte:

É na época dos Macabeus, naquele decênio que vê Israel dominado pela Síria de Antíoco IV Epífanês (175-163 a.C), que podemos fixar o surgimento desta reflexão [sobre o martírio enquanto testemunho]. A tentativa de reconduzir a uma matriz comum de interpretação do sofrimento e da morte por causa da fé dos pais, é o que constitui a ideia germinal de uma “teologia” do martírio que, curiosamente, parte de uma “teologia” da história (FISICHELLA, 1994, p.570).

É notável que a perspectiva supracitada gira em torno da ideia da “morte do inocente” enquanto uma forma de testemunhar e propagar de forma consistente a fé e “suscitar esperança na intervenção do Senhor”. Fisichella ainda aponta que o sofrimento do mártir é tido como “purificador para o povo e sinal do maior testemunho que o povo possa receber” (FISICHELLA, 1994, p.570).

1.2 MARTÍRIO NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, a crucificação de Jesus é tida como um ato martirial, pois ele foi condenado à morte por se declarar o Filho de Deus e o Messias. Houve a movimentação das autoridades religiosas e civis para a sua condenação. Além disso, muitos dos primeiros seguidores de Jesus também sofreram martírio por causa de sua fé, como por exemplo os apóstolos e Santo Estevão.

Dessa forma, Lima aponta que, por Jesus de Nazaré ser a figura central do Novo Testamento, “a morte de Cristo é o eixo central para entender o martírio cristão” (LIMA, 2022, p.10). Louth aponta o mesmo ao dizer que “Jesus de Nazaré é tido como referência do mártir. Ao contemplar o mistério pascal, o mártir se identifica com o próprio Cristo” (Cf. LOUTH, 2004, p.1100). Jesus apresentou sua vida com pleno sentido, inclusive sua morte como fonte de remissão e vida. A mensagem de Jesus é uma mensagem que oferece sentido para a pessoa. Sentido o qual a leva para o testemunho da fé até as últimas consequências. Portanto martírio não é adesão à

morte, mas adesão ao seguimento de Cristo e testemunho inegociável. Baumeister aponta o seguinte:

O que Jesus exigiu dos seus discípulos ao experimentarem a rejeição foi que permanecessem incondicionalmente unidos a ele, participando no seu serviço à glória de Deus, não se esquivando à rejeição que ele teve que enfrentar. Nada, nem mesmo a salvação da própria vida, deve ser preferida à fidelidade a Jesus e à obediência à vontade de Deus (BAUMEISTER, 1983, p.10).

Dessa forma, ao contemplar o evento de Cristo, surge a proposta do seguimento de Jesus. O martírio, nesse contexto é tido como *imitatio christi* no qual “o discípulo que aceita seguir Jesus entende como sua a sorte do Mestre por antecipação” (LIMA, 2022, p.11). Sendo assim, quando é visto o relato de Estevão, não é possível constatá-lo enquanto mártir meramente por conta da morte, mas sim por conta do testemunho de Cristo (Cf. LIMA, 2022, p.11). Fisichella aponta que

o mártir é essencialmente a testemunha ocular da vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor; e, em seguida, todos os discípulos são chamados de mártires-testemunhas, porque atestam a verdade do evangelho nas diversas situações da vida, assumindo inclusive o risco de perseguição e de sofrimento (FISICHELLA, 1994, p.571).

Baumeister aponta, ainda, que é interessante analisar a literatura paulina, na qual sofrimento e evangelização possuem uma íntima relação, pois é possível perceber a ação divina na fraqueza humana (2Cor 12,9), a morte perde o sentido de finitude e passa a ser caminho de encontro com o Cristo (Fl 1,23) e a salvação sendo “instituída na morte e ressurreição de Jesus, em condições escatológicas interpretadas apocalipticamente, contando-se entre elas o sofrimento” (BAUMEISTER, 1983, p.11). Dessa forma:

Os sofrimentos que teve que enfrentar no serviço apostólico, Paulo os entende na perspectiva de sua pregação da cruz, como comunhão no destino do Crucificado, para poder assim participar também na vida de Jesus ressuscitado (BAUMEISTER, 1983, p.11).

2. MARTÍRIO DE POLICARPO DE ESMIRNA

Policarpo de Esmirna foi um bispo cristão e mártir do século II d.C. que é venerado como santo pela Igreja Católica. Segundo a tradição, foi discípulo e sucessor do apóstolo João. Como bispo de Esmirna, ele se tornou um líder importante da igreja primitiva e se destacou por sua ortodoxia e zelo pela fé cristã.

Durante a perseguição aos cristãos no reinado do imperador romano Marco Aurélio, em 155 d.C., Policarpo, devido a uma traição, foi preso e levado perante as autoridades locais para negar sua fé cristã. No entanto, ele se recusou a fazê-lo e foi condenado à morte por queima na fogueira. Segundo relatos antigos, ele teria dito ao executor:

“Tu me ameaças com um fogo que queima por um tempo, mas ignoras o fogo do julgamento vindouro e da punição eterna que está reservada para os ímpios. Mas por que você está esperando? Venha, faça o que quiser” (POLICARPO DE ESMIRNA, 1995, p.151).

A compreensão do martírio ganhou maior destaque com o *Martyrium Polycarpi*. Na carta da Igreja de Esmirna a Filomélio, redigida após a morte de Policarpo, apresenta pela primeira vez o termo μάρτυς no sentido martirológico de testemunho com a vida (Cf. KAYSER, 2016, p.41), pois em outros relatos anteriores o martírio era utilizado de forma que se referia ao testemunho dos cristãos com ou sem sofrimento. É digno de nota o que Baumeister apresenta ao comentar o martírio nos primórdios do cristianismo, propondo a ideia de que é possível constatar uma distinção “entre o caso de perseguição cujo destino é a morte e as outras formas de perseguição, e a figura do mártir [que] adquire contornos nítidos” (BAUMEISTER, 1983, p.05). Dessa forma vê-se a compreensão que Louth traz no verbete sobre o martírio:

A figura do mártir tornou-se assim a do santo [...] O mártir/santo não era apenas um modelo, mas também um amigo de elevado nível; podia-se recorrer a ele, ele se preocupava em particular com os que viviam onde vivera durante sua vida terrestre ou que manifestassem por ele uma devoção especial (LOUTH, 2004, p.1100).

Kayser analisa o intuito do autor da carta que relata o martírio da seguinte forma: “O autor quer mostrar Policarpo como um modelo para outros cristãos. Ele é

um verdadeiro imitador de Cristo e por isso deve, por sua vez, ser seguido” (KAYSER, 2016, p.132). É apresentado, portanto, que o objetivo da carta é apresentar o martírio “segundo o Evangelho”, ou seja uma morte em imitação a Paixão do Senhor, ou seja, a morte martirial enquanto “forma suprema da *imitatio Christi* (Cf. KAYSER, 2016, p.133). No relato há ainda o valor da continuidade do seguimento, pois a efetividade do martírio não está na morte simplesmente, mas na continuidade do testemunho que leva outras à adesão ao seguimento assim como aponta Kayser:

A imitação de Cristo é completa se for imitação na sua morte e seus imitadores e suas imitadoras tornam-se, por sua vez, modelos. O testemunho torna-se morte. Significados confundem-se formando um novo conceito. A imitação do exemplo de Cristo, a submissão à vontade soberana de Deus, a aceitação do sofrimento e o afastamento do pecado confluem num novo jeito de testemunhar a Cristo para o mundo. O mártir passará, então, a ser a testemunha por excelência (KAYSER, 2016, p.138).

Portanto, o termo como é reconhecido ordinariamente, ou seja, a referência ao cristão que é perseguido até a morte sempre se mantendo fiel ao testemunho (*martys*), que torna sua própria morte um testemunho aos outros (*martyria*) e a expressão de oferecer testemunho (*martyrein*), aparecem pela primeira vez no relato do martírio de Policarpo, daí é possível refletir a relevância de tal (Cf. BAUMEISTER, 1983, p.06).

3. MARTÍRIO NA TEOLOGIA

Adiante serão apresentadas algumas reflexões teológicas a respeito do martírio que se nota relevância à temática da pesquisa em questão. A fonte utilizada para tal reflexão serão os fascículos 183 e 299 da revista *Concilium*, na qual busca-se trabalhar a temática do martírio.

A publicação de 1983, intitulado *Martírio hoje*, surge em um período de efervescência de fatos ligados ao martírio na vida eclesial (nota-se a proximidade com o fato ocorrido com o bispo Oscar Romero). Ele busca apresentar que pensar o martírio na Igreja

não indica uma realidade histórica, mas também contemporânea, ainda que tenhamos, ao menos em parte, ampliado o título, fazendo

que abrangesse também as situações de perseguição e dificuldades (não raro de cristãos contra cristãos) (METZ, 1983, p.03).

A proposta da publicação foi um convite para repensar as estruturas e experiências de sofrimento e esperança, na perspectiva de buscar compreender o martírio em tal realidade, sem se esquecer que ao contemplar tal realidade “se confronta sempre de novo com o escândalo de cristãos perseguirem cristãos” (METZ, 1983, p.04).

O segundo fascículo da revista, intitulado *Repensando o Martírio* e publicado em 2003, apresenta-se como retomada das reflexões do fascículo anteriormente citado devido à realidade que levou a repensar o martírio. Conforme o texto de abertura do fascículo: “Não que tudo tenha mudado no nosso mundo, mas a realidade atual, por um lado, oferece novas concretizações e matizes; e, por outro lado, há uma nova tomada de consciência sobre essa realidade” (OKURE, 2003, p.07).

3.1 KARL RHANER¹⁷

Karl Rahner (1904-1984) foi um teólogo jesuíta alemão, considerado um dos pensadores católicos mais importantes do século XX. Ele pode ser considerado um dos grandes protagonistas do Concílio Vaticano II, que ocorreu na década de 1960, e influenciou profundamente o desenvolvimento da teologia católica moderna.

Rahner, em seu artigo intitulado *Dimensões do Martírio*, propõe um “alargamento do conceito tradicional do martírio” (RAHNER, 1983, p.13), na qual se reflita a relação entre a aceitação livre e passiva da morte eminente por amor à fé e a aceitação livre de uma realidade ativa que leve à morte, o qual ele chamará de batismo de sangue.

Ele busca propor que manifestações ativas que levem ao *odium fidei* (ódio à fé) também deve promover o caráter martirial. Rahner, de forma profética, chega a escrever o seguinte questionamento:

Mas por que não considerar mártir, por exemplo, um bispo Romero que sucumbe numa luta pela justiça na sociedade, numa luta que ele

¹⁷ Presente no Fascículo 183/1983.

sustenta com convicção cristã suprema? Ele certamente contava com sua morte (RAHNER, 1983, p.15).

Ele propõe, invocando Tomás de Aquino, que aqueles que agem ativamente também devem ser considerados mártires, de forma que se alargue o conceito de martírio:

Nesta nossa defesa de um certo alargamento do conceito tradicional de martírio, podemos também invocar Tomas de Aquino. Ele diz (In IV Sent. dist. 49 q. 5 a. 3 qc. 2 ad 11), que, através de uma morte que tenha relação explícita com Cristo, pode alguém ser mártir quando defende a sociedade (*res publica*) contra os ataques de seus inimigos que pretendem perverter a fé cristã, e nesta defesa encontra a morte (RAHNER, 1983, p.16).

O combate àqueles que buscam perverter a fé cristã, conforme Rahner, está fundamentado na convicção cristã de que o mundo pode ser um lugar melhor e mais humano. Um lugar no qual se promova uma consciência responsável pela justiça e paz (Cf. RAHNER, 1983, p.16).

3.2 LEONARDO BOFF¹⁸

Leonardo Boff, pseudônimo de Genézio Darci Boff, é um teólogo brasileiro, nascido em 1938. Boff é reconhecido por sua contribuição para a teologia da libertação e a ecologia integral, e tem escrito extensivamente sobre temas como justiça social, direitos humanos, ecologia e espiritualidade.

Em seu artigo *Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática*, Boff apresenta uma sistematização do tema do martírio buscando responder ao questionamento: por que existe mártires?

Para isso, ele apresenta a ideia de que o martírio está fundamentado em duas propostas antagônicas que estão em constante contato: a presença de pessoas que sacrificam suas vidas em prol de suas convicções e a realidade da rejeição e opressão de tais convicções. Referente à primeira, apresenta-se que o martírio só se torna possível se houver pessoas que doem suas vidas até o extremo por convicções pessoais ao trilharem o caminho da infidelidade (BOFF, 1983, p.17).

¹⁸ Presente no Fascículo 183/1983.

Boff também apresenta algumas características sistematizadas sobre o martírio, sendo elas: Jesus como sacramento fontal; Martírio enquanto seguimento e participação; e o Valor sacramental do Martírio.

Como já visto anteriormente, Jesus é tido enquanto “protótipo do mártir”, ou seja, o martírio está fundamentado no seguimento de Cristo. Isso inclui na transmissão de sua mensagem e na efetivação de sua práxis. Dessa forma, “os mártires cristãos entendiam-se como seguidores do mártir Jesus Cristo, como Policarpo intitulado de *socius Christi*” (BOFF, 1983, p.18). Porém, deve-se ter em mente algo que Boff elucida de forma bem clara:

O martírio de Jesus deve ser corretamente entendido; ele não corresponde, simplesmente e sem medições, ao desígnio de Deus; historicamente ele resulta de uma rejeição da mensagem e da pessoa de Jesus por parte daqueles que não quiseram se converter ao Reino de Deus. Se Jesus quiser ser fiel a si mesmo e a sua missão deverá aceitar a perseguição e o martírio. Deus não quer tanto a morte de seu Filho, mas a fidelidade que implica, em contexto de não conversão, a morte violenta (BOFF, 1983, p.19).

Dessa forma, o martírio não pode ser compreendido enquanto uma exaltação da morte e do sofrimento, mas sim adesão dos sofrimentos frente à perene fidelidade ao plano de Deus. Ora, “o mártir não defende sua vida, mas sua causa que é sua convicção religiosa, sua fidelidade a Deus ou aos irmãos. E esta causa se defende morrendo” (BOFF, 1983, p.19). E, por consequência, ao participar da *via crucis* com Cristo, com o Ele, o mártir também participa da ressurreição e de uma vida com pleno sentido.

Ao pensar a realidade do seguimento e participação é tido que Jesus possuía os principais elementos do martírio: ódio sofrido, julgamento injusto e a postura do serviço. Todos aqueles que buscam seguir a Jesus, fazendo, portanto, adesão à *sequela christi*, necessariamente devem participar de sua vida com suas tensões. Isso é possível observar nos primeiros cristãos que, convidados a renunciarem a Deus, eram acusados de “crime de lesa-majestade contra o Imperador (*asébeia*), negando-lhe o caráter divino; rejeitavam também consequentemente as divindades romanas (*atheótes*)” (BOFF, 1983, p.20). Dessa forma a fé cristã tornara-se uma manifestação contrária à grande estrutura romana passível de condenação, o mesmo que ocorrera com Cristo.

Por fim, o martírio é dotado de um grande valor sacramental pois “o mártir leva até o radicalismo a dinâmica da vida: a entrega total ao outro com a doação da própria vida” (BOFF, 1983, p.23). O martírio se torna sinal da relatividade da vida, ou seja, tudo passa a ser relativo ao ponto de, se necessário, ser sacrificado por um bem maior. Boff diz que “o mártir aponta (por isso é um sacramento) para aquela direção onde a linguagem que fala do absoluto pode ser significativa” (BOFF, 1983, p.23), assim ele passa a ser arauto da verdade que gera as interrogações na realidade. E também possui o caráter eclesial na perspectiva de que a

Igreja é somente Igreja de Cristo na medida em que está disposta a viver de tal forma que considere como normal participar do mesmo destino do mártir Jesus Cristo. O mártir cria a verdade da Igreja de Cristo e manifesta a santidade de Deus comunicada à Igreja. A Igreja é santa por causa dos seus santos (BOFF, 1983, p.24).

Ainda cabe considerações sobre a necessidade de combater toda exaltação à morte e ao martírio na perspectiva de corromper seu sentido. Boff aponta que é necessário algo que auxilie na compreensão de tal fenômeno sem os pretextos ideológicos, de fanatismo e idolatria. Para isso, apresenta-se os elementos da verdade e justiça (Cf. BOFF, 1983, p.24).

3.3 ELSA TAMEZ¹⁹

Elsa Tamez, teóloga mexicana, é uma grande expoente da reflexão teológica feminista. Contribuiu com as reflexões da Teologia da Libertação na América Latina e propõe aproximações exegéticas frente à temática do martírio. A maioria de suas obras buscam propor uma reflexão a partir da Sagrada Escritura, na qual decorre a ideia de que é necessário pensar em um Deus misericordioso que se sobressai perante o *Deus-mercado* (referindo-se ao neoliberalismo).

O artigo proposto por Tamez inicia apresentando os movimentos de combate aos poderes ditatoriais e opressores na realidade latino-americana (p.e. Brasil: nunca mais de 1985 e Guatemala: *nunca más* de 1998). Para Tamez, tais manifestações são declarações de fé e esperança que apontam para uma realidade continua e que deve ser vista com atenção. Tamez aponta que “os informes *Nunca*

¹⁹ Presente no Fascículo 299/2003.

mais da América Latina não são coisa do passado. *Nunca mais* é a afirmação que se faz permanentemente com o desejo de que se torne realidade algum dia” (TAMEZ, 2003, p.30), de forma que a esperança de uma realidade melhor e mais humana sempre esteja presente em terras latino-americanas.

O artigo em si aborda como objeto o martírio latino-americano, em especial na realidade da Guatemala, porém tomar-se-á algumas proposições gerais. A primeira apontada por Tamez está ligada à própria maneira de pensar o martírio na realidade latino-americana. Para a autora, o testemunho está ligado à aproximação do Evangelho na realidade de todos que são carentes de humanidade e justiça.

Na América Latina não é a afirmação de “verdades doutrinais” ou crenças abstratas e a-históricas da teologia que provocam o martírio. É o testemunho de fiéis, leigos, catequistas, religiosas e religiosos, sacerdotes e pastores que se reflete em sua prática de justiça a favor dos pobres: camponeses sem terra, famílias sem água e sem outros recursos básicos, operários e camponeses mal pagos e explorados, indígenas discriminados. No fundo de tudo está a situação de injustiça (TAMEZ, 2003, p.31).

Dessa forma, segundo Tamez, os mártires podem ser compreendidos enquanto homens e mulheres que buscam viver o Evangelho de Cristo. Dessa forma buscam a promoção da dignidade humana e os direitos dos “pobres e discriminados”, ocasionando assim em perseguição, sequestros, desaparecimentos, assassinatos e injustiça tanto a estes quanto a aqueles (Cf. TAMEZ, 2003, p.33).

Outro apontamento feito pela autora gira entorno da realidade do *Povo mártir*. Pois, na realidade latino-americana não é possível falar somente de mártires individuais, mas também de todo um povo que abraça o martírio direta ou indiretamente. Ela afirma que “nas liturgias celebradas pelas vítimas sempre há o momento dedicado à evocação das pessoas que deram a vida pelo bem-estar dos irmãos e irmãs da comunidade na qual serviam” (TAMEZ, 2003, p.33). Lembrando sempre que esses não sofrem o martírio pelo simples fato de se oferecerem suicidamente, mas porque o sentido de suas vidas, os valores do Reino, entraram em conflito com os valores dos poderosos “empresários e latifundiários” (Cf. TAMEZ, 2003, p.33).

Há, sendo assim, pessoas que sofrem com o martírio que jamais terão os seus nomes conhecidos, todavia há a certeza da participação da *imitativo christi*. Pode-se até questionar sobre a intencionalidade da adesão à morte contra a

revogação da fé e dos princípios evangélicos, mas Tamez aponta que em meio aos massacres eles participam como sinais testemunhais à humanidade da crueldade presente na realidade. Tamez aborda tal temática da seguinte forma:

[...] vemos muitos cristãos como mártires, porque estas vítimas, como Celina Ramírez e Alba Ramírez, as duas mulheres humildes que morreram junto com os jesuítas mártires assassinados em El Salvador em novembro de 1989, fazem ver com grande nitidez a maldade e o pecado do mundo que se enfurece contra os cristãos profetas e também contra o povo inocente. O sangue dos mártires mescla-se com o sangue destas vítimas e é este sangue mesclado que atualiza o sangue de Jesus Cristo hoje (TAMEZ, 2003, p.35).

O texto finda-se refletindo sobre o “fim” dos mártires no terceiro milênio. Como a própria autora cita, “ninguém quer mártires, nem a Igreja nem Deus”, porém a presença deles é sinal de caminhada e manifestação do Evangelho contra as estruturas opressoras.

Tamez aponta que há uma espécie de falsa trégua entre a realidade e a via martirial pois “as mortes de crianças desnutridas já raiam o insuportável, o desemprego e a fome estão ultrapassando a paciência e isto, ao contrário da luta ideológica dos anos passados, torna-se tremendamente subversivo” (TAMEZ, 2003, p.35), ou seja, os sinais de injustiça continuam na realidade latino-americana, porém com outra roupagem, o que não impossibilita o retorno dos mártires. Além do mais, faz-se mister fazer memória deles, haja vista que a lembrança deles pode auxiliar na sensibilização e promoção da solidariedade perdida (Cf. TAMEZ, 2003, p.36). Pois, “enquanto não se cumprir o direito do ser humano, os mártires e profetas da América Latina continuarão aparecendo” (TAMEZ, 2003, p.36).

3.4 JOSÉ IGNACIO GONZÁLES FAUS²⁰

José Faus é um jesuíta espanhol, nascido em Valência, que se dedicou para o estudo da Teologia Sistemática. Lecionou em diversos centros acadêmicos, inclusive na Universidade Centro-Americana (UCA) em El Salvador.

Seu artigo *Testemunha do amor, morto por ódio ao amor* apresenta a proposta de refletir sobre a maneira de se compreender o dado do *odium fidei*, haja

²⁰ Presente no Fascículo 299/2003.

vista que os mártires são compreendidos enquanto aqueles que foram mortos pela fé. Ora, o autor aponta que é um tema relevante, tendo em vista que Jesus de Nazaré “não foi crucificado por ódio à fé, mas em nome da fé (ou, em todo caso, por ódio às consequências que Jesus tirava de sua experiência de Deus)” (FAUS, 2003, p.59).

Faus apresenta que a relação hodierna de martírio com o “ódio à fé” remonta à Bento XIV e seu tratado sobre as canonizações. A proposta originária das primeiras comunidades ligava-se mais à palavra “ódio” n seguinte perspectiva: quem é morto se contrapõe a quem mata, logo havia uma contraposição de fé implícita. Todavia, Faus apresenta que, com o passar do tempo,

[...] em plena contra-reforma, e por causa da polêmica contra a fé fiducial protestante que leva a intelectualizar exageradamente a noção católica de fé, o acento foi-se transferindo da palavra ódio à palavra fé, entendida, além disso, de maneira puramente noética e oposta à palavra práxis ou vida de fé. O mártir passará a ser concebido como aquele que morre exclusivamente por uma doutrina ou um sistema intelectual (FAUS, 2003, p.60).

Dessa forma, é possível observar um distanciamento da concepção original. O que antes era prático, passa a ser noético. Tal movimento aponta, segundo Faus, para a migração da noção de Revelação da “manifestação do amor de Deus para uma manifestação de verdades abstratas e alheias à vida do ser humano, e das quais a autoridade eclesiástica era depositária e guardiã” (FAUS, 2003, p.61).

Adiante, o autor apresentará a necessidade de retomar e compreender de outra forma a concepção de martírio. Para isso, propõe-se que o martírio deve ser compreendido enquanto: similitude com a vida de Jesus, dom supremo que Deus propõe à humanidade e uma prova de caridade (*testis charitas*) (Cf. FAUS, 2003, p.63). Dessa forma a perspectiva passa a focar nos “motivos daquele que morre e não exclusivamente nos motivos de quem mata” (FAUS, 2003, p.63), ou seja, compreender a vítima é mais válido do que refletir sobre o verdugo. Essa proposta se aproxima da raiz do martírio: testemunho.

Faus finda seu artigo apresentando que o mártir doa sua vida livremente pois vê nela um sentido superior à própria vida:

O martírio pode ser definido como uma plenitude de sentido que brota precisamente da renúncia ao que parece ser “o sentido elementar”: a vida. Uma plenitude de sentido que é absolutamente superior às nossas forças. O martírio é dádiva de Deus para o mártir. E o mártir é

uma dádiva de Deus para o povo de Deus. Porque é testemunha da fé sendo testemunha do “amor maior”, do “amor supremo” (FAUS, 2003, p.67).

O mártir, portanto, é vive o amor testemunhado em sua própria vida, mas também é agente testemunhante na vida eclesial. Ele demonstra a todos o sentido além-vida. Apresenta que o sentido supremo da vida não está nela mesma, mas em Deus autor e fonte da vida. Faus aponta que “esquecer os mártires é simplesmente deixar de ouvir um ensinamento, fechar os próprios olhos ou endurecer o coração para não deixa-lo penetrar-nos” (FAUS, 2003, p.67).

CONCLUSÃO

Conclui-se que o tema do martírio foi ricamente trabalhado ao passar do tempo. Há no Antigo Testamento a presença de figuras com elementos martiriais como foi apresentado o profeta que passa a ser odiado e perseguido pelo que prega. A revolta pós-exílica também influenciou com o desenvolvimento da compreensão do martírio haja vista a busca da manutenção da cultura frente ao helenismo. Porém, é mister observar que o *locus* do martírio é o próprio Jesus Cristo, ele é o modelo e sentido do mártir, assim como o documento *Lumen gentium* aponta:

Como Jesus, Filho de Deus, manifestou a sua caridade, entregando a vida por nós, ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida por ele e pelos seus irmãos (Cf. 1Jo 3,16; Jo 15,13). A dar este testemunho máximo de amor diante de todos, principalmente diante dos perseguidores, foram chamados alguns cristãos já desde os primeiros tempos, e outros continuarão sê-lo sempre. É por isso que o martírio, pelo qual o discípulo se assemelha ao Mestre que aceitou livremente a morte pela salvação do mundo, e a ele se conforma na efusão do sangue, é considerado pela Igreja como doação insigne e prova suprema da caridade. Se poucos o chegam a sofrer, todos devem estar prontos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-lo pelo caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja (LG 42).

Verificou-se, também, que o termo começou a ser utilizado na perspectiva atualmente conhecida a partir do martírio de Policarpo, no qual é reconhecido que ele passa a ser partícipe no mistério de Cristo. Por fim, apresentou-se diversas perspectivas teológicas sobre o martírio. Há a presença de Rhaner que propõe o “alargamento” do conceito de mártir, repensando aquilo que leva a pessoa a ser

constatada mártir. Boff defende que o martírio não pode ser compreendido enquanto a exaltação da morte, mas a exaltação testemunhal da vida entregue de bom grado a Deus. Tamez discursa sobre a necessidade de vislumbrar os mártires do passado e do presente, bem como a realidade em que ocorre tal fenômeno. E Faus propõe a compreensão do martírio enquanto uma análise baseada no testemunho da vítima e não na ação do carrasco, propõe-se a retomado da compreensão do martírio enquanto testemunho da caridade (*testis charitas*).

CAPÍTULO III: JON SOBRINO, TESTEMUNHA DAS TESTEMUNHAS

INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar as reflexões sobrinianas a respeito do martírio e aproximá-las da figura de Oscar Romero. Para isso será necessário a análise de alguns pontos específicos, são eles: compreender quem é Jon Sobrino e compreender a realidade do seguimento e martírio propostos por Sobrino.

A primeira parte do capítulo desenvolve-se a compreensão biográfica de Jon Sobrino, bem como propõe-se a análise da realidade vivencial de Sobrino como fator fundamental em sua reflexão teológica. Destaca-se também as influências reflexivas que acarretaram na estruturação de seu pensamento.

No segundo tópico, buscar-se-á analisar a proposta do seguimento de Cristo na teologia de Jon Sobrino. Para isso, será utilizado a contribuição da pesquisa da Professora Vera Ivanise Bombonato, pesquisadora da teologia da libertação, tendo seu enfoque na teologia de Jon Sobrino.

Adiante, será proposta uma reflexão sobre o martírio enquanto o sinal máximo daquele que segue a Cristo. Para isso buscar-se-á compreender como se dá tal relação e como é compreendido o fenômeno do martírio jesuânico

Por fim, na última parte, apresentarão apontamentos de Sobrino que colaborão na compreensão de Romero enquanto fiel à adesão ao seguimento de Cristo e real mártir jesuânico que morreu como Cristo, movido por misericórdia.

1. EXPERIÊNCIA E REALIDADE DE JON SOBRINO

Jon Sobrino, oriundo da Espanha, membro da Companhia de Jesus, é um expoente teólogo da Teologia da Libertação na América Latina. Nasceu em 1938 e ingressou nos jesuítas em 1956. Coursou seus estudos filosóficos (juntamente com o mestrado em Engenharia) na Universidade de St. Louis, nos EUA, findando-os em 1963. Já os estudos teológicos se deram na Alemanha, obtendo o doutorado em 1975, na *Hochschule Sankt Georgen* (Frankfurt). Sua tese teve como título: *O significado da cruz e ressurreição de Jesus nas cristologias sistemáticas de W. Pannenberg e J. Moltmann*. Foi ordenado presbítero em 1969 (Cf. SOARES, 2009, p.11).

Suas obras contribuíram muito na constituição da teologia latino-americana, de forma especial para a área da cristologia. Algumas obras dele são: *Cristología desde América Latina: esbozo a partir del seguimiento del Jesús histórico* (1976), *La oración de Jesús y del cristiano* (1977), *Oscar Romero, martir de la liberación* (1980), *Ressurrección de la verdadera Iglesia: los pobres, lugar teológico de la ecclesiológica* (1981), *Jesús em América Latina: su significado para la fe y la cristología* (1982), *Jesucristo liberador: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret* (1991), *El principio-misericordia: bajar de la cruz a los pueblos crucificados* (1992), *La fe em Jesucristo: ensayo desde las víctimas* (1999), *Terremoto, terrorismo, barbárie y utopia* (2002) e *Fuera de los pobres no hay salvación: pequenos ensayos utópico-proféticos* (2007).

Vale destacar que Sobrino passou por uma mudança drástica referente à perspectiva da realidade. No início de sua formação, quando chegara em El Salvador, possuía a visão de que deveria “ajudar os salvadorenhas a trocar sua religiosidade paopular, ‘supersticiosa’, por uma religiosidade mais ilustrada” (SOBRINO, 1994, p.12), ajudando a propagar e estabelecer a ecclesiológica europeia em terras salvadorenhas. Essa visão se modificou graças ao contato com filósofos e teólogos, os quais mostram-no a importância do questionamento e da realidade no ato reflexivo e praxístico. Sobrino aponta que seu “despertar dogmático” foi possível graças ao contato com ilustres filósofos como Kant, Hegel, Marx, Sartre e a teologia crítica e moderna de Bultmann, além de Pannenberg e Moltmann. Destaca-se de forma primaz a influência da teologia de Karl Rahner no amadurecimento do processo teológico bem como a amizade e teologia de Ignácio Ellacuría. Com este, Sobrino aprendeu a compreender a realidade enquanto fato fundamental na ação reflexiva e prática, graças à influência que Ellacuría teve de Xavier Zubiri e sua filosofia da realidade.

Sua vida foi permeada por seu desenvolvimento teológico. Um fato marcante em sua vida foi a experiência de vivenciar a morte de seus amigos jesuítas (entre eles, Ignácio) de forma cruel na Universidade Centroamericana. Em novembro de 1989, um grupo paramilitar adentra no local e mata seis jesuítas, a funcionária e sua filha. Sobrino, após o fato, começou a se perguntar sobre tal realidade de morte e injustiça. Soares aponta que o fruto de tal reflexão foi que Sobrino

[...] entendeu que sua missão era “ser consciência crítica numa sociedade de pecado e ser consciência criativa de uma sociedade

futura diferente”. Seus escritos posteriores terão sempre a originalidade de combinar depoimento e árdua reflexão, trazendo a marca indelével do martírio e a companhia espiritual de todos os povos crucificados dessa terra. (SOARES, 2009, p.13).

Em 2006, a Congregação para a Doutrina da Fé, expediu uma notificação a Sobrino pelas obras *Jesucristo Liberador: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret* e *La fe em Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. O texto propõe que nas obras citadas há a presença de inexatidões e erros que merecem ser estudados e revistos (Cf. SOARES, 2009, p.13).

2. SEGUIMENTO DE CRISTO

Sobrino, em sua obra *O princípio misericórdia*, propõe que há um fator fundamental que interconecta o homem, Cristo e Deus (Cf. SOBRINO, 1994, p.35), que é o princípio misericórdia. Esse pode ser definido da seguinte forma:

[...] amor específico que está na origem de um processo, mas que além disso permanece presente e ativo ao longo dele, dá-lhe uma determinada direção e configura os diversos elementos dentro do processo. Esse “princípio misericórdia” – acreditamos – é o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também da Igreja (SOBRINO, 1994, p.32)

Tal princípio, que emana do seio divino, reflete no homem, de forma que, quando assumido, irrompe nele o seguimento a Cristo, aquele que encarnou tal elemento. Sobrino propõe que “ser um ser humano é, para Jesus, reagir com misericórdia; do contrário fica viciada na raiz a essência do humano” (SOBRINO, 1994, p.34). Ainda é tido como princípio mínimo-máximo no qual “não existe nada anterior à misericórdia para motivá-la, nem existe nada mais além dela para relativizá-la ou recusá-la (Cf. SOBRINO, 1994, p.35). Sendo assim, a misericórdia é a atitude fundamental (início e fim) que propõe o homem a sair de si e ir ao encontro do outro, assim com Deus age, imitando os passos de Jesus Cristo. Nota-se a importância da compreensão da cristologia de Sobrino, para o homem compreender seu *modus vivendi* dentro do seguimento.

Bombonato aponta que a cristologia de Sobrino está fundamentada em um tripé: compreensão de quem é Jesus, demonstração do caminho de Jesus e auxílio para que as pessoas sigam a causa de Jesus (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.23). Ainda,

para a compreensão de tal dinâmica, faz-se necessário a compreensão de três categorias do pensamento sobriniano: *Jesus histórico* (ponto metodológico e hermenêutico-cristológico que auxilia na compreensão do seguimento), *as vítimas* (realidade em que Jesus age e convida todos a agir) e *seguimento* (princípio hermenêutico fundamental de ação encarnada da adesão a Cristo) (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.24). Os três elementos anteriormente citados estão em uma relação sinérgica de forma que as vítimas são o lugar de ação e vivência da realidade que evoca, por sua vez, a ação do seguimento a Cristo, tendo o Jesus histórico como referência praxístico-hermenêutica.

Sobrinho aponta, segundo Bombonato, que o seguimento é princípio epistemológico e hermenêutico da teologia e vivência da fé. Epistemológico devido ao fato de que, para ele, só é a partir da adesão ao seguimento de Jesus que há a possibilidade de compreensão de sua personalidade complexa e todas as reflexões advindas dela. Ou seja, para adentrar no mistério da pessoa de Jesus e trilhar os caminhos de seu projeto e vislumbrar a mesma vivência que Jesus viveu, é necessário dispor-se no seguimento. Bombonato, analisando o seguimento na obra de Jon Sobrinho, propõe a seguinte compreensão:

Para conhecer quem é Jesus, o mistério de sua pessoa, de sua filiação divina, de sua intimidade com o Pai, de sua dedicação total à causa do Reino, é preciso colocar-se a caminho com ele, ter intimidade com ele (BOMBONATTO, 2009, p.28).

Já é hermenêutico por que “só a partir do seguimento é possível compreender realmente o que é o pecado e a injustiça, o amor e a esperança” (BOMBONATTO, 2009, p.29), ou ainda, só a partir do seguimento que se compreende a relação trinitária, pois a adesão a ele propõe a compreensão íntima de “quem é o Deus que entregou à morte seu Filho, quem é o Filho do homem que nos procedeu no caminho, quem é o Espírito que atualiza Jesus” (BOMBONATTO, 2009, p.29). Ora, Jesus está inserido em uma dinâmica de dupla relação: relação com o Reino de Deus e relação com o Deus do Reino, sendo assim, o seguimento é princípio de compreensão de tal movimento, haja vista que ele propõe afinidade à realidade do próprio Jesus (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.30).

A figura de Jesus é importante para o seguimento, tendo em vista a adoção do princípio misericórdia, pois, embora a misericórdia não seja a única postura que

Jesus propõe, ela é o fator configurativo de toda sua vida. Sobrino propõe: “Para Jesus, a misericórdia está na origem do divino e do humano. Deus se rege, e os humanos devem reger-se segundo esse princípio, e a esse princípio está sujeito todo o resto” (SOBRINO, 1994, p.38).

O intuito de Sobrino, segundo Bombonato, é conservar a personalidade de Jesus de Nazaré, enquanto aquele que possui um carinho especial para com os pobres, e, ao mesmo tempo, propor um seguimento de continuidade de tal vivência para todos (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.35). Bombonato esclarece que tal seguimento, por sua vez, implica no fato de que:

o seguidor deve tanto assemelhar-se a Jesus de Nazaré, reproduzindo sua vida histórica, exercendo a missão como ele exerceu [...] e participando do seu destino; quanto assumir a causa de Jesus e dispor-se a ser enviado em missão por ele e em lugar ele (BOMBONATTO, 2009, p.39).

A adesão à proposta do seguimento, segundo Sobrino, não pode ser delegada a ninguém a não ser à pessoa em sua intimidade, pois somente pela graça de Deus, a qual possibilita a contemplação do ato de fé, ocorre o que o autor aponta enquanto “abertura à fé de outros”. O termo “dos outros” explicita a realidade coletiva do ato de fé, pois “por ser o conteúdo do mistério de Deus precisamente ‘mistério’, a fé da pessoa individual deve remeter-se à fé de outros” (SOBRINO, 1994, p.244).

Sendo assim, aquele que adere ao seguimento de Cristo, adere ao processo de construção da identidade cristã. Pois, há uma relação direta entre trilhar o caminho do seguimento e o desenvolvimento da identidade cristã no mundo, ambos estão interconectados e se relacionam por meio de uma tensão. Nesse sentido, afirma Bombonato: “O seguidor deve *reproduzir* a estrutura fundamental da vida de Jesus (encarnação, missão, cruz e ressurreição) e, ao mesmo tempo, *atualizá-la* de acordo com as exigências do contexto em que vive” (BOMBONATTO, 2009, p.42).

Porém, vale lembrar que o seguimento não pode ser compreendido enquanto uma realidade fragmentária ou ascética da pessoa, mas é vivência na totalidade da própria vida de Jesus. Essa vivência, por sua vez, também não deve ser entendida nem como mera imitação no sentido de descaracterização do indivíduo e nem enquanto cumprimento de normas e exigências, mas consiste na adesão à estrutura fundamental da vida de Jesus, marcada pela obediência ao Pai e a função salvífica que propõe vida nos locais de morte (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.44). De

forma esplêndida Bombonato apresenta da seguinte forma: “[O seguimento] é um espírito, e como tal cada pessoa o realiza de modo único e irrepêtil, de acordo com os dons pessoais e o próprio estado de vida” (BOMBONATTO, 2009, p.44).

O seguimento de Cristo ocasiona no desenvolvimento da identidade cristã da pessoa, de forma que ela passe a inserir o mistério da vida de Jesus Cristo em sua própria realidade. O mesmo Cristo que armou sua tenda entre os pobres e excluídos do mundo, anunciou-lhes a Boa-Nova, passando pela cruz, e alcançou a ressurreição (Cf. BOMBONATTO, 2009, p.51). Sobrino aponta que Romero conseguiu captar tal gesto solidário, apresentando adesão ao seguimento, manifestando a solidariedade humana primária, “como ele costumava dizer, a dor dos pobres toca o coração de Deus” (SOBRINO, 1994, p.249).

3. MARTÍRIO ENQUANTO ULTIMIDADE DO SEGUIMENTO

Aquele que se propõe ao seguimento de Jesus, acaba por assemelhar-se ao próprio Cristo e dessa forma, Sobrino aponta, buscará a vivência do princípio misericórdia em sua vida, palavras e atos. O autor aponta que, necessariamente, aquele que encarna a proposta do seguimento de Cristo, se depara com a realidade do mundo como ele é. De forma especial, Sobrino fala do Terceiro Mundo, sendo o mundo dos pobres, os quais sofrem com as realidades de morte, mas também de vida e presença de Deus. Ali, aquele que segue a Cristo, deve se propor a anunciar o projeto misericordioso de Deus, assim como Cristo o fez. Tal realidade dos pobres é fundamental para pensar o fenômeno do martírio. Sobrino destaca o seguinte:

É que, diante do ferido no caminho, as entranhas de muitos se comoveram e foram movidos pela misericórdia. A quantidade de amor e de martírio na América Latina nestes últimos anos é realmente impressionante. E por isso o amor é possível neste mundo, porque é real. (SOBRINO, 1994, p.130).

Catalfo em seu artigo sobre a teologia da encarnação de Cristo aponta apresenta relação entre a adesão ao seguimento de Jesus e a realidade do mundo dos pobres, ou como apresentado acima, o Terceiro Mundo: “Sobrino lembra que, para quem segue a Jesus com radicalidade autêntica de vida, encarnar-se é optar decididamente pelo mundo dos pobres” (CATALFO, 2009, p.64). Sendo assim, Catalfo, conclui que a encarnação nessa realidade dos pobres é decisiva para o

“itinerário de seguimento de Jesus de Nazaré e construir a identidade cristã” (CATALFO, 2009, p.75). Dessa forma, a realidade dos pobres, apresentando a iniquidade da morte, também pode ser sinal de vivência da fé. Sobrino propõe que há uma certa “facilidade” em tal âmbito pela própria conjuntura:

É “mais fácil” ser humano e cristão no Terceiro Mundo, porque nele a pessoa se sente levada pela corrente da verdade, compromisso, utopia e esperança do que a história está imbuída. É mais fácil ser profeta, ser bom samaritano, ser mártir diante de tal nuvem de profetas, samaritanos e mártires. Em palavras da carta aos Hebreus, é mais fácil ser testemunha da fé no meio da grande nuvem de testemunhas (SOBRINO, 1994, p.131).

Romero, de fato, vivenciou tal realidade a ponto de compreender a inquietante realidade que Sobrino chamaria de “sono da desumanidade” e propondo, dessa forma, movimentos que promovessem a humanização integral dos dela a ponto de mandar o recado ao mundo de que “não esqueçam que somos homens, seres humanos” (SOBRINO, 1994, p.132). Romero entregou-se pela fé, haja vista que Sobrino descreve enquanto “entrega total da pessoa a Deus”, ao ponto de que, manifestando enquanto humilhação e rebaixamento, a vida do bispo salvadorenho foi pautada pela manifestação do amor ao máximo, entregando sua própria vida pela verdade humanizante (Cf. SOBRINO, 1994, p.244). Sobre o martírio em El Salvador, Sobrino apresenta que as vítimas que se tornam mártires, optaram por viver a verdadeira realidade salvadorenha, ao ponto de buscarem viver até as últimas consequências a “[...] opção fundamental pelos pobres, exigida cristãmente pelo evangelho e exigida eticamente pela realidade histórica” (SOBRINO, 1994, p.252).

Sobrino aponta que, pensar nos mártires é pensar em seres humanos, reais que vivem a realidade em que se encontram. São aqueles que “se encarnaram, como Jesus, na realidade de nosso mundo [...] Na mais simples linguagem, tornaram-se humanos” (SOBRINO, 1994, p.253).

Assim forma estes mártires: consequentemente misericordiosos até o fim. A misericórdia foi para eles o primeiro e o último, e não antepuseram nada a ela [...] sendo assim, nossos mártires deram suas vidas livremente – como Jesus, como Monsenhor Romero -, e as deram por manter consequentemente a misericórdia. E suas mortes mostram, então, que os que os moveu em vida foi, definitivamente, um grande amor aos pobres, não nenhum interesse pessoal nem o ódio contra ninguém (SOBRINO, 1994, p.260).

Os mártires, conseqüentemente, vistos enquanto pessoas comuns, possuíam como elemento diferencial a opção e vivência do seguimento de Cristo. Sobrino chega a apontar que o fenômeno do martírio não é “outra coisa que a historicização do seguimento de Jesus em nosso mundo e em nosso tempo” (SOBRINO, 1994, p.261). Um seguimento de fé que não garantem um caminho tranquilo perante o mundo, mas sim uma trajetória que haverá tormentas que podem ser vencidas na confiança naquele que é o motivo do seguimento. E, de forma misteriosa, a passagem deles, fundamentados na esperança ao Cristo, acaba por gerar esperança no povo, eles possuem a capacidade de anunciar a possibilidade de vivência repleta de amor, mesmo que o mundo ofereça o contrário. E, nesse mundo, vivendo amorosamente, ofertar ao próximo todas as potencialidades ao outro (Cf. SOBRINO, 1994, p.265).

Desde suas cruzes os mártires, paradoxalmente, alimentam a esperança, e as celebrações destes dias mostram isso [movimentos que fazem memória dos mártires]. Há choro, porém mais de emoção do que de desespero; e há canto de agradecimento, de compromisso e de esperança (SOBRINO, 1994, p.265).

3.1 MÁRTIRES JESUÂNICOS E O POVO CRUCIFICADO

Sobrino, segundo Tavares, aponta que a realidade dos pobres é concebida enquanto sinal do tempo, ou seja, fenômeno que explicita e torna presente a ação divina (Cf. TAVARES, 2009, p.125). Dessa forma, o martírio é compreendido em duas vertentes que se complementam, sendo elas: mártires jesuânicos e povos crucificados.

Referente ao primeiro termo, Tavares apresenta o seguinte:

A morte deles é semelhante à de Jesus. E isso por terem testemunhado uma vida também muito parecida com a de Jesus. Morrem como Jesus porque também procuraram encarnar os mesmos valores testemunhados por Jesus. Sofrem perseguição e morte, como Jesus, porque, a exemplo dele, não se curvaram ao poder injusto dos prepotentes e mandatários. A semelhança na situação de morte também revela uma semelhança no estilo de vida e nas opções assumidas durante a vida (TAVARES, 2009, p.129).

Dessa forma, é possível compreender que o mártir, como visto no capítulo anterior, possui uma intimidade com o Cristo, de forma que o martírio não é apenas uma morte por Cristo, mas sim uma morte como Cristo. Sempre tal fenômeno não é caracterizado pela defesa de uma doutrina, mas sim pela opção de vivência que se assemelhe ao amor vivido por Jesus (Cf. SOBRINO, 2003, p.17). Tavares apresenta que “trata-se de uma morte provocada não apenas pelo *odium fidei*, mas fruto do *odium iustitiae* e, em último caso, do *odium misericordiae*” (TAVARES, 2009, p.129). Sobrino relembra que a misericórdia é o fator definitivo da realidade mais profunda em Cristo, “descrita em Lucas como ‘mover-se de compaixão’. É o martírio na linha joânica do ‘maior amor’” (SOBRINO, 2003, p.17).

Já, em relação aos “povos crucificados”, Sobrino expressa a clara relação de um povo que sofre com as intempéries da vida, causadas em grande parte por poderes tirânicos, com Jesus crucificado e sua ação salvífica no mistério a paixão, morte e ressurreição. Tavares destaca:

A continuidade histórica da pessoa e da missão redentora de Jesus Cristo não se realiza apenas mediante uma presença mística ou sacramental, mas também e, sobretudo, mediante uma continuidade histórica. Portanto, na existência concreta e histórica desse povo, cuja principal característica é justamente a de levar sobre os próprios ombros o pecado do mundo, pois ele é vítima de uma condição estrutural de pecado histórico, o cristão é chamado a encontrar a atualização da paixão e morte de Jesus e de seu conseqüente significado salvífico (TAVARES, 2009, p.134).

As duas vertentes se encontram na compreensão de que os “povos crucificados” são a primaz referência para os mártires jesuânicos. Pois, aqueles se incorporam diretamente ao sofrimento de Cristo no mundo, atualizando-o às diversas realidades, e vocacionado os cristãos a agirem em seu favor, amando-os, aderindo ao seguimento de Cristo, encarnando a misericórdia e, em último caso, tornando-se um mártir jesuânico.

4. ROMERO: SEGUIDOR, PROFETA E MÁRTIR

O martírio de Oscar Romero ofereceu algo a se refletir no âmbito da teologia do martírio. Sobrino compreendeu que o ato martirial não se restringe ao âmbito eclesial, mas extrapola ele.

Quando assassinaram Dom Romero no altar foi preciso remontar ao século XII para encontrar um precedente em Thomas Becket, arcebispo de Canterbury, mas como uma diferença: este foi morto por defender os direitos, ainda que fossem legítimos, da Igreja, enquanto que Dom Romero por colocar-se do lado dos pobres. Os mártires jesuânicos são mártires da humanidade (SOBRINO, 2003, p.17).

Sobrino, tendo conhecido Romero, destaca que ele sempre foi uma pessoa que creu verdadeiramente em Deus, ao ponto de escrever que “comunicar-se com Deus foi para ele algo tão singelo e normal quanto a própria vida” (SOBRINO, 1988, p.72). Oscar Romero conseguiu encarnar o seguimento de Cristo a ponto de que seus passos foram trilhados à luz dos passos de Jesus. Pois, assim como Cristo, “em primeiro lugar foi defensor da vida, e especialmente da vida dos pobres” (SOBRINO, 1988, p.72).

Por sua fé em Deus, Dom Romero denunciou o pecado de El Salvador como uma força apenas comparável à dos antigos profetas, à do bispo Bartolomé de las Casas ou à do próprio Jesus. Denunciou que a miséria não é o destino natural dos salvadorenses, mas é fundamentalmente o fruto de estruturas injustas; fustigou com ardor inigualável a repressão, os massacres e o genocídio (SOBRINO, 1988, p.73).

Assim como Jesus, Romero foi reconhecido pelo apreço pela verdade. Sobrino escreve que Romero devolveu ao povo salvadorense a doçura e valor da palavra que foi por tanto tempo silenciada e manipulada. O bispo salvadorense tornou a palavra expressão da realidade. Em especial, vale destacar suas homilias, sendo alguns trechos já apresentadas no primeiro capítulo, enquanto sinais de encarnação da realidade na palavra proclamada. Sobrino diz: “Se suas homilias dominicais eram tão ouvidas, era porque nelas a realidade do país tomava a palavra. As dores e esperanças cotidianas, ignoradas e distorcidas nos meios de comunicação de massa, tomavam a palavra em sua pregação” (SOBRINO, 1988, p.75).

A vida de Romero se assemelhou muito à vida de Jesus. Sobrino destaca que sua postura profética promoveu revolta e dissabores na realidade salvadorense assim como o Nazareno na Galileia e Jerusalém.

Assim como acontecera com Jesus, disseram que Dom Romero era louco, que era um novo Belzebu, um agitador político que sublevava as massas. O dinheiro correu abundante para desprestigá-lo e

caluniá-lo. Poucas vezes se terá visto uma campanha tão irracional e evidente contra um profeta. Dom Romero viu em tudo isso um dos preços a serem pagos por um autêntico profeta; viu também nisso uma confirmação de que estava com a verdade. E, no entanto, viu neles também os destinatários da evangelização. Como Jesus, avisou-os do perigo de suas riquezas injustas, e repetia-lhes plasticamente: “Tirem os anéis, antes que lhes cortem os dedos”. E, como Jesus, sempre trabalhou no sentido de lhes dar a verdadeira felicidade, aquela que foi dada a Zaqueu depois de sua conversão: “Hoje entrou a bênção nesta casa” (SOBRINO, 1988, p.84).

Dessa forma, é possível perceber que Romero, na completude de sua vida, vivenciou a encarnação do seguimento a Jesus Cristo. De modo que é possível relembrar o pedido de Paulo à comunidade filipense de exercitarem em suas vidas a possibilidade de possuírem os mesmos sentimentos que Cristo (Cf. Fl 2,5). Ora, Oscar Romero pode ser considerado um autêntico seguidor de Jesus, e isso ocasionou a ele a vivência da misericórdia e promoção da vida, mas também perseguições e violência.

Sobrino aponta que seu martírio foi um claro reflexo de sua vida. Uma expressão última do seguimento de Cristo, de viver uma fé no Pai como Jesus viveu e de sofrer pelos pequenos como o próprio Nazareno. Pode-se constatar que Oscar Romero foi um mártir jesuânico, pois viveu como Jesus, sofreu como Jesus e morreu como Jesus. Amando o povo salvadorenho, amou-os até o fim.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que o seguimento a Cristo é o fator fundante na vivência de fé para toda pessoa. E a adesão a ele deve ser permeada pela encarnação do princípio misericórdia que é o elemento *sine qua non* que ocasiona na compreensão da realidade enquanto ela é e enxerga nela os sinais e ações de Deus. Dessa forma torna-se possível compreender a realidade dos pobres como uma realidade que deve ser amada e cuidada.

Tal movimento se desdobra na formação da identidade cristã no mundo que se relaciona nas diversas tensões da vida. Dentre as tensões destaca-se a realidade dos últimos, a qual Sobrino nomeará “povos crucificados”. Eles são sinais hermenêuticos que auxiliam na compreensão da presença de Deus no mundo e ao mesmo tempo são postura profética que denunciam toda inumanidade.

O mártir jesuânico, como nomeia Sobrino, é aquele que se depara com tal realidade e se propõe a agir nela, a exemplo de Jesus. Pode-se constatar que o

martírio jesuânico é a vivência última do seguimento de Cristo. Dessa forma, o mártir jesuânico age no mundo como Cristo agiu, amando misericordiosamente.

Oscar Romero, por sua vez, possuiu tal proposta de vida. Cada passo que deu em terras salvadorenhas foi uma expressão histórica da encarnação do seguimento de Cristo. Ele pode ser considerado um mártir jesuânico, pois seguiu os passos de Cristo, fazendo o bem, até a última consequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar de tal pesquisa é possível concluir que Oscar Romero possuiu uma vivência íntima do Evangelho como foi apresentado no primeiro capítulo. Ele tornou-se presença profética e esperançosa para o povo salvadorenho de forma que a trajetória de sua vida permeou um conjunto de vivências e experiências que o auxiliaram na compreensão de sua identidade cristã e presença no mundo. Ainda sobre o primeiro capítulo vale retomar o fenômeno da “conversão” que Romero passa ao vivenciar o luto pelo seu amigo, Padre Rutilio Grande. Esse momento pode ser considerado axial na vida de Romero. Na esteira de Sobrino e suas reflexões, é possível constatar que nesse instante Romero pode vivenciar a realidade real do “povo crucificado”.

Adiante, constata-se a importância de se ter em mente o arcabouço teológico sistematizado sobre o martírio. Para isso, buscou-se no segundo capítulo elencar elementos fundamentais para a reflexão da Teologia do Martírio, em especial a aproximação com a literatura veterotestamentária e neotestamentária. Dentro desse escopo, destaca-se a similitude com os passos de Jesus como fator de referência para a compreensão do martírio.

Também é digno de nota o desenvolvimento do termo “martírio” ao passar dos tempos, no qual recorreu-se ao estudo do texto de Policarpo de Esmirna. Por fim, foi proposto a compreensão do martírio a partir da ótica de alguns teólogos como Rahner com a ideia da necessidade de expansão da compreensão do martírio tradicional, Boff com a proposta do martírio enquanto exaltação da vida, Tamez com a proposta do martírio enquanto um sinal histórico atemporal que necessita ser refletido e Faus com a compreensão e exaltação da vítima e não do carrasco, sendo aquele uma testemunha da máxima caridade.

Por fim, conclui-se que o seguimento a Cristo é o elemento central para viver a fé. A adesão a Ele deve ser marcada pela incorporação do princípio misericórdia, elemento *apriori* contido na essencialidade divina e humana, que é essencial para compreender a realidade como ela é e reconhecer os sinais e ações de Deus nela. Tal compreensão permite enxergar a realidade dos pobres como algo que deve ser refletido e amado. Esse movimento se manifesta na formação da identidade cristã no mundo e na promoção da consciência humanizante, o que Sobrino chamará de movimento de “descer os pobres da cruz”.

Destaca-se ainda a realidade dos “povos crucificados” que são sinais hermenêutico-teológicos que nos ajudam a compreender a presença de Deus no mundo, de forma que também denunciam qualquer postura de promova a desumanidade. O mártir jesuânico, segundo Sobrino, é aquele que se depara com essa realidade e se compromete a agir, seguindo o exemplo de Jesus. Sendo assim, é possível afirmar que o martírio jesuânico representa a experiência máxima de seguir a Cristo. Assim, ele age no mundo da mesma maneira que Cristo agiu, demonstrando amor misericordioso e encarnado. Oscar Romero, por sua vez, personificou essa proposta em sua vida. Pois, toda sua vida foi uma expressão histórica do seguimento encarnado de Cristo. Ele pode ser considerado um mártir jesuânico, pois seguiu os passos de Cristo, praticando o bem até o fim.

Optou-se por findar tal trabalho com o trecho do poema *Carta aberta a nossos mártires* (autoria de Pedro Casaldáliga) como forma de ilustrar na poesia a beleza paradoxal do martírio enquanto sinal da verdadeira alegria do reino, seguir e amar a Deus e(m) sua criação.

Com São Romero da América e com todos vós, nossos e nossas mártires,
 e unidos à voz e ao compromisso comum,
 de todos os irmãos e irmãs de solidariedade que nos acompanham,
 declaramo-nos “alegres de correr como Jesus
 (como todos vós)
 os mesmos riscos,
 por identificar-nos com as Causas dos despossuídos”.
 Neste mundo prostituído pelo mercado global e pelo bem-estar egoísta,
 com humildade e decisão, vos juramos:
 “Longe de nós gloriar-nos
 a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”
 e em vossas cruzes, irmãos da sua!
 Com Ele e convosco,
 Seguiremos cantando a Libertação.
 Por Ele e por vós,
 saberemos jubilosamente
 que nos cabe ressuscitar “mesmo que nos custe a vida”
 (CASALDÁLIGA, 2003, p.155).

REFERÊNCIAS

- BAUMEISTER, T. Mártires e perseguidos nos primórdios do cristianismo. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 183, fasc.3, 1983, p.05-12. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, L. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 183, fasc.3, 1983, p.17-24. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- BOMBONATTO, V. I. O seguimento de Jesus: categoria cristológica. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (org.). **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CASALDÁLIGA, P. **Carta aberta a nossos mártires**. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 299, fasc.1, 2003, p.59-67. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CATALFO, C. E. A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino. In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (org.). **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium sobre a Igreja*. In: **DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 1997.
- FAUS, J. I. G. Testemunha do amor, morto por ódio ao amor. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 299, fasc.1, 2003, p.59-67. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FISICHELLA, R. Martírio. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral: 25 de setembro de 2019**, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190925_udienza-generale.html. Acesso em 10 mar. 2022a.
- _____. **Homilia da santa missa e canonização dos beatos: Paulo VI, Oscar Romero, Francisco Spinelli, Vicente Romano, Maria Catarina Kasper, Nazária Inácia de Santa Teresa de Jesus e Nuncio Sulprizio**, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181014_omelia-canonizzazione.html. Acesso em 31 mai. 2022b.
- GONZALO, L. A. **São Romero dos direitos humanos: lições éticas, desafio educacional**. São Paulo: Paulus, 2022.

- KAYSER, L. C. **Do testemunho ao martírio: uma história de conceitos do Novo Testamento ao martírio de Policarpo**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2016.
- LIMA, L. C.; HOLANDA, J. P. A. A. História da teologia do martírio na América Latina. **Pesquisas em Teologia**, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 7-26, July 2020. ISSN 2595-9409. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/1231>. Acesso em: 08 mar. 2022.
- LOUTH, A. Martírio. In: LASCOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.
- METZ, J. B; SCHILLEBEECKX, E. Editorial. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 183, fasc.3, 1983, p.03-04. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- OKURE, T; SOBRINO, J; WILFRED, F. Editorial. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 299, fasc.1, 2003, p.07-11. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- POLICARPO DE ESMIRNA. Martírio de Policarpo. In: **Padres apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- RAHNER, K. Dimensões do martírio: tentativa de ampliar um conceito clássico. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 183, fasc.3, 1983, p.13-16. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- ROMERO, O. A. **Su pensamientos I - II**. San Salvador, El Salvador: Imprenta Criterio, 2000a.
- _____. **Su pensamientos III**. San Salvador, El Salvador: Imprenta Criterio, 2000b.
- _____. **Su pensamientos VIII**. San Salvador, El Salvador: Imprenta Criterio, 2000c.
- SOARES, A. M. F. (org.). **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SOBRINO, J. **Oscar Romero: profeta e mártir da libertação**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- _____. **O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. **Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- _____. Nosso mundo: crueldade e compaixão. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 299, fasc.1, 2003, p.30-36. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TAMEZ, E. Mártires da América Latina. In: **Concilium (Revista Internacional de Teologia)**, 299, fasc.1, 2003, p.30-36. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TAVARES, S. S. O martírio cristão: expressão da misericórdia consequente. In: In: SOARES, Afonso Maria Ligorio (org.). **Dialogando com Jon Sobrino**. São Paulo: Paulinas, 2009.

V.V.A.A. **El Salvador: uma fonte cujas águas nunca secam**. São Paulo: Paulinas, 1994.

WRIGHT, S. **Oscar Romero e a comunhão dos santos: biografia**. São Paulo: Paulus, 2011.